

### **Parte III**

## **A identidade espiritual-carismática da Filha do Divino Zelo à luz de Santa Teresa de Jesus**

Após o itinerário percorrido, onde tivemos a oportunidade de conhecer alguns aspectos da vida, espiritualidade e carisma dos santos fundadores em questão, Aníbal Maria Di Francia e Teresa de Jesus, enfatizaremos, nesta terceira e última parte de nossa pesquisa aspectos da espiritualidade teresiana que podem iluminar a Filha do Divino Zelo em seu caminho espiritual.

O conteúdo será desenvolvido em dois capítulos. Primeiramente destacaremos alguns aspectos comuns da vida espiritual dos dois fundadores, buscando em santa Teresa luzes para o itinerário espiritual da Filha do Divino Zelo. Colocaremos em evidência a necessidade da contemplação da Sagrada Humanidade de Cristo para o autêntico seguimento, a santificação pessoal e comunitária. Diante da Sagrada Humanidade, daremos ênfase à compaixão e à misericórdia, como características essenciais para a vivência do carisma do Rogate. Alicerçadas na cristologia teresiana e no desejo da plena união entre esposa e Esposo, falaremos da necessidade de uma devoção ao Coração de Jesus que diga da intimidade desse matrimônio espiritual do qual nos falam ambos os fundadores. Esposar os interesses do Coração de Jesus, conforme indicam as Constituições das Filhas do Divino Zelo, é sinônimo de intimidade com o Senhor, de conhecer sua vida, seus sentimentos e seus gestos, deixando que sua presença seja transformadora e geradora de vida para a religiosa e para todo o seu entorno, em especial, na vivência do amor fraterno vivido em comunidade.

Enfim, para ter presente toda a vida de Cristo, que por sua Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição, fez-se companheiro de caminhada da humanidade reconciliando-a com Deus, fazendo de cada batizado membro de seu Corpo Místico, a Filha do Divino Zelo é convidada a buscar os auxílios espirituais que sustentaram o caminho de nossos santos, com a especial iluminação da doutrina teresiana. Destacamos: o amparo materno de Maria que convida cada Filha do Divino Zelo a fazer da própria vida um canto de gratidão a Deus e de entrega humilde da própria existência para que se cumpra a vontade do Senhor em todas as dimensões de sua vida; e a centralidade da eucaristia que a convida a conformar-se totalmente a Cristo, permitindo que a entrega de sua vida seja feita

junto ao Esposo, seja feita por Ele, com Ele e nele, em sacrifício de amor junto aos irmãos e irmãs.

Na sequência abordaremos a importância e a necessidade da oração constante no itinerário espiritual da Filha do Divino Zelo, como caminho de intimidade e união com o Esposo que a santifica e conforma a si a consagrada. O tema está alicerçado na doutrina teresiana acerca da oração, que ilumina os escritos de santo Aníbal Maria. A oração virá apresentada como caminho de salvação pessoal e comunitária, como meio de intimidade com o Senhor da messe, com o Divino Esposo, que chama a Filha do Divino Zelo a comungar dos interesses de seu Sagrado Coração para assumir na própria vida os sentimentos de Cristo para com o Pai e para com a messe abandonada.

A intimidade com o Senhor será sempre fruto da graça e requer da Filha do Divino Zelo o empenho permanente na busca das virtudes indispensáveis para uma autêntica vida de oração. Dentre as tantas virtudes necessárias, recolhemos a humildade, fruto do encontro entre a alma, em sua profunda verdade e Deus, em sua imensurável misericórdia. Aqui o ícone de Maria-Marta torna-se imprescindível para melhor se compreender a dinâmica espiritual-apostólica da Filha do Divino Zelo. Trataremos também do Rogate enquanto oração-caridade, fruto supremo concedido por Deus à esposa que, vivendo em intimidade com o Senhor, dedica-se a cuidar de seus interesses.

## **8. O itinerário espiritual e apostólico da Filha do Divino Zelo à luz de santa Teresa de Jesus**

Neste capítulo trataremos de alguns temas da vida espiritual de santa Teresa que convergem com o fundamento espiritual-carismático da Filha do Divino Zelo. Estes temas que não são estranhos aos Institutos do Padre Di Francia tomam vigor na maneira que santa Teresa os viveu. Abordaremos a Sagrada Humanidade de Cristo como fonte de misericórdia e santificação para a Filha do Divino Zelo, Maria como modelo de consagração e serviço na Igreja e a eucaristia como espaço de encontro e configuração a Cristo na vivência apostólica e comunitária.

## 8.1.

### **A Sagrada Humanidade de Cristo como fonte de misericórdia e santificação para a Filha do Divino Zelo**

#### 8.1.1.

##### **Misericórdia, perdão recebido e doado**

No percurso feito até aqui, vimos que, a Filha do Divino Zelo é vocacionada à conformação a Cristo, a unir-se intimamente ao Senhor para, a partir desta união, viver o apostolado que o carisma lhe indica. Partindo da espiritualidade e carisma de santo Aníbal Maria, compreendemos que a doutrina teresiana acerca da Sagrada Humanidade de Cristo é uma fonte de iluminação para o percurso da Filha do Divino Zelo. Dois aspectos da herança espiritual-carismática de santo Aníbal Maria nos levam a essa compreensão: a união aos sentimentos e interesses de Cristo, sob a devoção ao Coração de Jesus; e, a misericórdia que impulsiona o fundador, conformado a Cristo, a assumir o Rogate como caminho para glorificar a Deus, buscar a própria santificação e a santificação da humanidade. Consideramos a misericórdia uma palavra chave na compreensão da Sagrada Humanidade de Cristo, bem como na realização da Filha do Divino Zelo como consagrada a Deus em prol da messe sofredora.

W. Kasper, em seu livro “A misericórdia: chave do Evangelho e da vida cristã”, nos dirá: “Constatarei [...] que a misericórdia, tão fundamental na Bíblia, ou caiu em grande parte no esquecimento, ou é tratada de maneira muito negligente. Nestas questões, como em tantas outras, a espiritualidade e a mística vão muito além da teologia sistemática”.<sup>1</sup> Esta afirmação nos ajuda a refletir acerca da imagem de Deus que tem conduzido a espiritualidade cristã, inclusive a espiritualidade da Filha do Divino Zelo. Temos diante de nós o Deus e Pai bondoso, misericordioso que revelou Jesus Cristo, ou ainda tratamos com um Deus moldado à imagem de nossos pecados e limitações? M. Herraiz nos dirá que os místicos são os melhores testemunhos do Deus revelado por Jesus. Um Deus que é puro amor e misericórdia, um Deus amorosamente misericordioso, um Deus misericordiosamente amoroso.<sup>2</sup> Referindo-se à doutrina teresiana acerca da misericórdia, M. Herraiz nos diz:

---

<sup>1</sup> KASPER, W., La misericórdia: clave del Evangelio y de la vida Cristiana, p. 9. [TN].

<sup>2</sup> Cf. HERRÁIZ, M., Teresa de Jesús, testigo y teóloga de la misericordia de Dios, p. 703

Teresa [...] utiliza o termo “misericórdia” em contextos nos quais a experiência e memória explícitas de seu pecado, de sua infidelidade a Deus, a pressionam mais fortemente, e o termo “amor” quando esta consciência não está tão ativa, ama menos de forma relevante. Quantitativa e qualitativamente Teresa opta por recorrer ao amor de Deus, infinitamente comunicativo, experimentado desde sua infância até a plenitude de comunhão mais íntima com ele. É o coração e o horizonte de seu relato autobiográfico e doutrinal.<sup>3</sup>

Não faltam referências à misericórdia de Deus nos escritos de santa Teresa.<sup>4</sup> É sobre essa ótica que ela lerá sua história. Este Deus que para Teresa é doação, é autodoação, que não muda, nos criou e continuamente nos recria, à sua imagem e semelhança, nos capacitando para o amor. Ele nos ama sempre e se doa a nós. Na medida em que o acolhemos, o amamos, revelando nossa experiência de amor no amor ao próximo, mostramos que “Todos somos capazes de amar”<sup>5</sup>, porque somos amados.<sup>6</sup> Estamos imersos em um amor misericordioso do princípio ao fim, amor que não distingue pessoas, mas que se derrama sobre todos, pecadores e santos, ricos e pobres, sem exclusão. Mergulhada neste mistério de amor e misericórdia, santa Teresa não hesitará em dizer: “[...] é possível, ainda neste desterro, comunicar-se tão grande Deus com uns vermezinhas asquerosos como nós e amá-los com uma bondade tão plena e uma misericórdia tão sem limites”<sup>7</sup>. As graças concedidas por Deus veem gratuitamente: “[...] acontece de Deus conceder essas graças não porque as pessoas que as recebem sejam mais santas do que as outras, mas para que se conheça a Sua grandeza [...] e para que O louvemos em Suas criaturas”<sup>8</sup>. Assim,

[...] Deus não vem atrás de nós pagando méritos ou castigando maldades, mas vai adiante abrindo caminhos de amor e de misericórdia, propondo-nos uma relação filial ou amistosa, e capacitando-nos para dar a resposta [...]. Esta é a nova criação que nos chega com o envio do Filho, máxima misericórdia de Deus em favor da “criatura que Deus amou somente por ela” (GS 24).<sup>9</sup>

É na Sagrada Humanidade de Cristo que o Pai pode ser contemplado em toda a sua misericórdia.<sup>10</sup> Renascidos em Cristo temos a possibilidade de

<sup>3</sup> HERRÁIZ, M., Teresa de Jesús, testigo y teóloga de la misericordia de Dios, p. 704. [TN].

<sup>4</sup> Como aprofundamento para a temática sugerimos: HUGUENIN, M. J.. L’esperienza della divina misericórdia in Teresa di Gesù: saggio di sintesi dottrinale sulla Santa d’Avila. Roma: OCD, 2005.

<sup>5</sup> SANTA TERESA, Fundações, 5,2.

<sup>6</sup> Cf. HERRÁIZ, M., op. cit., p. 705.

<sup>7</sup> SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 1,1,3.

<sup>8</sup> Ibid., 1,1,3.

<sup>9</sup> HERRÁIZ, M., op. cit., p. 705. [TN].

<sup>10</sup> Cf. Jo 14,9.

chegarmos à plenitude de nossa humanidade. É na medida em que nos cristificamos que vamos nos tornando homens e mulheres de misericórdia, conforme a imagem do Criador.

Um olhar atento para a realidade nos faz perceber que a desumanização ocupa significativo espaço no sistema que rege a sociedade, valorizando mais o lucro em detrimento da pessoa.<sup>11</sup> Características fortes desse processo podem, de alguma maneira, ter adentrado o cotidiano da vida consagrada, o cotidiano da Filha do Divino Zelo. Por isso, é legítimo o nosso anseio de voltarmos o olhar para o caminho feito por Jesus Cristo, o Filho de Deus, que abrindo mão de sua condição divina assumiu nossa carne.<sup>12</sup> Para que a consagrada Filha do Divino Zelo seja uma mulher realizada na vocação assumida e possa colaborar com o Senhor na realização de seus planos de redenção para toda a humanidade, ela precisa renascer uma “nova mulher” em Cristo Jesus.

A identificação plena a Cristo dá-se no muito amar, conforme vimos no percurso espiritual de santa Teresa. Trata-se de um amor que confere uma identidade, que faz os cristãos serem reconhecidos em meio à humanidade de todos os tempos.<sup>13</sup> Papa Francisco dirá que:

O amor que se manifestou na Cruz de Cristo e que Ele nos chama a viver é a única força que transforma nosso coração de pedra em um coração de carne; que nos torna capazes de amar nossos inimigos e perdoar aqueles que nos ofenderam [...]. O amor de Jesus em nós cria pontes, ensina novos caminhos, desencadeia o dinamismo da fraternidade.<sup>14</sup>

O amor de Cristo ensina o caminho da pessoa nova, da nova criatura renascida das águas batismais e que forma na Igreja o Corpo Místico do Senhor. Na misericórdia contemplada na Sagrada Humanidade de Cristo a consagrada vê a real possibilidade de seu novo nascimento, para ser mulher de misericórdia em meio à humanidade. Somente um coração contrito e capaz de reconhecer a necessidade da misericórdia do Senhor poderá agir com misericórdia diante dos irmãos e irmãs, renunciando ao julgamento e às condenações que uma alma arrogante e vaidosa faz recair sobre si e sobre seus semelhantes. Santa Teresa nos

---

<sup>11</sup> Cf. MACHADO, E. R. B., Humanização da vida religiosa, p. 9.

<sup>12</sup> Cf. Fl 2.

<sup>13</sup> Cf. Jo 13,35.

<sup>14</sup> FRANCISCO, PAPA, Regina Coeli, 19 de maio de 2019, Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-05/papa-francisco-regina-coeli-19-maio-2019-mandamento-amor.html>, Acesso em: 21/06/2019.

diz que a experiência desse amor misericordioso é graça que vem de Deus: “Mas Vós, Senhor meu, quisestes ser [...] o ofendido, para que eu fosse melhorada. [...] o sentimento de minhas grandes culpas é temperado pelo contentamento que me dá a compreensão da multiplicidade das Vossas misericórdias”.<sup>15</sup> A insistência da santa de Ávila sobre a misericórdia e a fidelidade de Deus frente às suas infidelidades, entra em seu esquema doutrinal.<sup>16</sup> Esse aspecto doutrinal teresiano encoraja a Filha do Divino Zelo a permanecer em seu caminho de conformação a Cristo, de identificação com sua Sagrada Humanidade, não obstante suas fraquezas e seus pecados. Teresa nos ensina que as graças dadas por Deus brilham ainda mais sobre o fundo obscuro de nossos pecados<sup>17</sup> e nos levam a olhar com misericórdia para os que também se encontram em pecado.

### 8.1.2.

#### **A santificação que vem da misericórdia de Deus**

Com santa Teresa, a Filha do Divino Zelo pode compreender ainda melhor que a sua história pessoal é a história das misericórdias de Deus e por isso pode empenhar sua vida na busca pela santidade. Em uma de suas cartas a santa Madre dirá: “Que coisa é a misericórdia de Deus! Minhas maldades fizeram bem a vossa mercê; e tem razão, vendo-me fora do inferno que há tanto tempo tenho merecido. Assim é que intitulei esse livro “Das Misericórdias de Deus”.<sup>18</sup> A misericórdia de Deus é o perdão de seus pecados e também são as mais excelsas graças recebidas. Em sua vida, tudo, absolutamente tudo, é graça, é misericórdia de Deus.<sup>19</sup> A experiência teresiana da misericórdia revelada em Cristo ilumina a herança espiritual-carismática da Filha do Divino Zelo que, mergulhada na misericórdia de Deus, poderá viver o Rogate como uma atitude solidária com Jesus Cristo que convida à oração pelos santos operários para a messe e também como uma atitude de misericórdia com os irmãos e irmãs. Santa Teresa faz perceber que o fato de Deus responder com amor misericordioso a quem o ofende faz aumentar e interiorizar a dor de quem se vê indignamente mergulhado em sua absoluta gratuidade, o que acelera e qualifica a resposta amorosa de quem foi perdoado.

<sup>15</sup> SANTA TERESA, Livro da Vida, 4,3.

<sup>16</sup> Cf. Ibid., 8,1.

<sup>17</sup> Cf. HERRÁIZ, M., Teresa de Jesús, testigo y teóloga de la misericordia de Dios, p. 707.

<sup>18</sup> SANTA TERESA, Cartas, 396.

<sup>19</sup> Cf. Id., Livro da Vida, 7,18; 38,16.

Deus é sempre misericórdia, mesmo quando estamos submersos nos pecados mais monstruosos e quando nos faz suas mais íntimas e amorosas comunicações.<sup>20</sup>

A Filha do Divino Zelo encontra em santa Teresa o testemunho confiante de quem se entregou à misericórdia de Deus e não relutou em ser tomada por seu amor. Aprende que seus pecados não são a memória condenatória de sua vida, mas a memória agradecida da misericórdia de Deus em sua história. Na medida em que esta infinita misericórdia a molda, pode ir tornando-se uma mulher de misericórdia junto à messe que o Senhor lhe confia. Santa Teresa enfatiza que somente essa misericórdia pode dar sentido à vida de cada pecador:

Isso já basta para que se vejam Suas grandes misericórdias: o Senhor perdoou tanta ingratidão, não uma, mas muitas vezes. A São Pedro perdoou uma só vez, e a mim, muitas; não era sem razão que o demônio me tentava para que eu não desejasse uma amizade íntima com quem eu tinha uma inimizade tão pública. Que cegueira imensa a minha! Onde eu pensava, Senhor meu, achar remédio senão em Vós? Que disparate fugir da luz para andar sempre tropeçando! Que humildade tão soberba o demônio inventava em mim: afastar-me do apoio da coluna e báculo que há de me sustentar para evitar uma queda tão grande!<sup>21</sup>

Vemos que santa Teresa insiste na bondade e misericórdia de Deus para com todas as fraquezas humanas, o que certamente estimula que seus leitores perseverem na oração. No entanto, não deixa de exortar para a luta que será travada contra o demônio, que tudo fará para afastar a pessoa de Deus. A santa Madre bem adverte sobre os perigos que circundam quem busca oração, exortando à confiança em Deus e a luta permanente contra o pecado:

Para que todos vejam a misericórdia de Deus e o grande benefício que tive por não ter abandonado a oração e a lição ou leitura, falarei, pois importa muito que se entenda isso, de como o demônio ataca uma alma para conquistá-la, e do artifício e benevolência com que o Senhor busca levá-la para Si. Digo-o para que se acautelem dos perigos que não evitei. Peço sobretudo, por amor de Nosso Senhor e pela grande afeição com que Ele procura fazer-nos voltar para Si, que se evitem as ocasiões de pecado; porque, uma vez nelas, em nada podemos confiar numa guerra onde tantos inimigos nos combatem e onde são tão fracas as nossas defesas.<sup>22</sup>

E dirá ainda:

Muitas vezes pensei, espantada, na grande bondade de Deus, ficando minha alma maravilhada ao ver sua grande magnificência e misericórdia. [...] Por piores e mais imperfeitas que fossem as minhas obras, o Senhor as melhorava, aperfeiçoava e

<sup>20</sup> Cf. HERRÁIZ, M., Teresa de Jesús, testigo y teóloga de la misericordia de Dios, p. 709.

<sup>21</sup> SANTA TERESA, Livro da Vida, 19,10.

<sup>22</sup> Ibid., 8,10.

tornava meritórias, apressando-se a esconder minhas faltas e pecados. [...] O Senhor doura as culpas, faz com que resplandeça uma virtude que Ele mesmo põe em mim [...].<sup>23</sup>

Santa Teresa, imersa na contemplação da Sagrada Humanidade de Cristo, que é a revelação da misericórdia do Pai, não se posiciona diante de suas culpas e seus pecados a partir dos textos de moral ou da catequese recebida, mas sim a partir da experiência do amor misericordioso que banha sua existência desde o mais profundo de seu ser e que perpassa toda a sua história. Era com grandes presentes de amor que o Senhor castigava seus erros.<sup>24</sup> Nesta perspectiva, a Filha do Divino Zelo, é convidada a abrir-se para acolher a misericórdia que Deus derrama sobre toda a sua vida, reconhecendo o amor de Deus como bálsamo que cura suas dores e que restitui a beleza de sua imagem quando marcada pelo pecado, deixando-a em melhores condições para acolher a messe em todas os seus sofrimentos e debilidades. Quando experimenta o amor misericordioso de Deus, quando se deixa tocar e redimir pelo Divino Esposo, a consagrada tende a identificar-se sempre mais a Ele, tomando para si sua vida, seus sentimentos, seu projeto, empenhando-se em viver o amor como resposta generosa ao amor recebido. Tal experiência depõe no coração da religiosa a tendência ao julgamento, à condenação, ao moralismo, enfim, à exclusão dos irmãos e irmãs que incorrem em pecado.

A misericórdia, enquanto atributo de Deus<sup>25</sup>, é chave de leitura e prática de sustentação no processo de santificação em Cristo, ela traz efeitos para a vida. Segundo santa Teresa, tratam-se de efeitos que se direcionam a Deus e ao próximo. O amor misericordioso oferecido por Deus é um impulso constante para crescer no amor. A pessoa envolvida neste amor começa a empenhar-se ainda mais em não pecar, em não ofender o “Amado”. Santa Teresa dirá que toda ofensa a Deus será causa de sofrimento<sup>26</sup> e mesmo sabendo-se perdoada, a memória dos pecados cometidos está presente na alma, como motivação na luta contra todo o pecado.<sup>27</sup> É o desejo de não ofender a Deus que leva a consagrada a buscar a solidão, o silêncio, a oração constante até a conformação com o Senhor, vivendo

<sup>23</sup> SANTA TERESA, Livro da Vida, 4,10.

<sup>24</sup> Cf. HERRÁIZ, M., Teresa de Jesús, testigo y teóloga de la misericordia de Dios, p. 711.

<sup>25</sup> Sobre este tema podemos consultar: KASPER, W. A misericórdia: condição fundamental do evangelho e chave da vida cristã. São Paulo: Loyola, 2015.

<sup>26</sup> Cf. SACRAMENTADO, F. D. J., Doctrina teresiana del amor de Dios, p. 632.

<sup>27</sup> Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,3,14.

conforme a sua Sagrada Humanidade.<sup>28</sup> Assim, entendemos que, para a Filha do Divino Zelo e para todos os cristãos:

O amor deve ser a norma para a alma. Um amor que chegue a transformar a própria atitude no trato com as almas. Para o amante perfeito o mesmo tratamento com as almas pecadoras e distraídas tornam-se ocasião de um crescimento no amor, e não tem necessidade de cautela e separação da alma, que não tenha chegado a estas alturas no amor. A alma colocada nestas alturas é como a luz, que toca tudo sem perder sua pureza imaculada.<sup>29</sup>

Essa realidade gerada pelo amor misericordioso de Deus faz com que toda a vida venha modificada. A religiosa, conduzida pelo Espírito, leva adiante os propósitos de Deus em sua vida e nada lhe é obstáculo, sejam os apegos pessoais, as dificuldades externas, os sacrifícios cotidianos e até mesmo o risco de perder a vida. Neste percurso, a Filha do Divino Zelo doa-se por inteiro a Deus e à sua vontade.<sup>30</sup> Este amor misericordioso é o meio de purificação que antecede a união com o Senhor. Santa Teresa nos descreve a pena causada pelo amor insatisfeito e pelas feridas de amor e os compara ao fogo do purgatório<sup>31</sup>, porém diz que, passada por esta purificação, poderá cantar a alegria deste “suave cautério”.

A Filha do Divino Zelo embebida da misericórdia de Deus, configurada a Cristo, torna-se testemunha do perdão e não teme oferecer sua vida pela salvação de todos os irmãos e irmãs. Sabe-se infinitamente perdoada e amada pelo Senhor, por isso, anseia por poder amar e perdoar, podendo, em sua união total a Cristo, oferecer-se junto do Crucificado-Ressuscitado por seus semelhantes.

### **8.1.3. O Coração de Cristo como fonte de humanização**

Buscando em santa Teresa indicações para ressignificar o carisma e a espiritualidade da Filha do Divino Zelo, para que essa seja sempre mais uma mulher de misericórdia segundo a imagem do Esposo, reforçamos que é necessário que as religiosas possam reconhecer a própria miséria e que “confiem na misericórdia de Deus e nada em si”.<sup>32</sup> Reconhecer as próprias misérias diante da misericórdia de Deus é o princípio para uma vida de progressiva união a

<sup>28</sup> Cf. SACRAMENTADO, F. D. J., *Doctrina teresiana del amor de Dios*, p. 633.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 633. [TN].

<sup>30</sup> Cf. SANTA TERESA, *Cartas*, 363,3; 180,12; *Id.*, *Caminho de Perfeição*, 23,14.

<sup>31</sup> Cf. *Id.*, *Castelo Interior ou Moradas*, 6,11,6.

<sup>32</sup> *Ibid.*, 2,1,9.

Cristo. Miseráveis como somos, somos profundamente amados por Deus, por isso Teresa diz: “[...] não ande a alma espantada, mas com confiança na misericórdia de Deus”.<sup>33</sup> Ele ama infinitamente, não nossos pecados e misérias, mas a pessoa que somos, ama a Filha do Divino Zelo como mulher consagrada, como criatura plasmada à sua imagem e semelhança, como esposa a Ele unida para sempre. A experiência de ser acolhida no amor e na misericórdia de Deus é uma graça necessária para que a consagrada possa amar e viver a misericórdia na missão assumida junto à messe. Somente o verdadeiro encontro com o Senhor é capaz de ensinar a Filha do Divino Zelo a ser mulher humanizada<sup>34</sup>, alegre e geradora de vida. Precisamos fixar o olhar na misericórdia encarnada para nos tornarmos sinal eficaz do agir amoroso de Deus<sup>35</sup>, na confiança de que banhados em Cristo somos uma nova criatura. É o Senhor quem faz novas todas as coisas.<sup>36</sup>

Para a Filha do Divino Zelo do Coração de Jesus, permanecer na misericórdia de Deus é o cumprimento de sua missão na Igreja. O próprio nome que foi conferido pelo fundador ao Instituto é um convite a permanecer na misericórdia de Deus, em seu amor. Permanecendo em seu Coração aprenderá o mistério de sua humanização, da realização plena de sua vocação à vida, de sua vocação batismal e de sua consagração a Ele no serviço da Igreja. Segundo santo Aníbal Maria, a qualificação “Coração de Jesus” que está no nome do Instituto “coroa tudo”<sup>37</sup>, porque a boa nova do Rogate brota diretamente do Coração Misericordioso de Cristo<sup>38</sup>. Para a Filha do Divino Zelo o Coração Misericordioso de Jesus é escola de humanização, é em sua Sagrada Humanidade que a consagrada receberá a graça de crescer em sua humanidade rumo à plenitude em Deus.

Como vimos, a revelação da misericórdia divina tem o seu lugar concreto em Jesus de Nazaré. Quem O vê, vê o Pai.<sup>39</sup> Jesus Cristo é o trono da misericórdia<sup>40</sup>, é a revelação do ápice da humanização da Filha do Divino Zelo,

<sup>33</sup> SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 6,3,17.

<sup>34</sup> Cf. Sobre o tema da humanização em santa Teresa de Jesus recomendamos: PEDROSA-PÁDUA, L. Santa Teresa de Jesus: mística e humanização. São Paulo: Paulinas, 2015.

<sup>35</sup> Cf. FRANCISCO, PAPA, Bula, Misericordiae Vultus, 3.

<sup>36</sup> Cf. Ap 21,4.

<sup>37</sup> DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 58, p. 47. [TN].

<sup>38</sup> Cf. GUERRERA, D.; NALIN, G., Os nossos nomes: Rogacionistas e Filhas do Divino Zelo, p. 13.

<sup>39</sup> Cf. Jo 14,9.

<sup>40</sup> Cf. KASPER, W., A misericórdia: condição fundamental do evangelho e chave da vida cristã, p. 144.

pois em tudo semelhante a nós<sup>41</sup>, mostra-nos o caminho para a plenitude<sup>42</sup>. As Filhas do Divino Zelo herdaram do fundador a especial devoção ao Sagrado Coração de Jesus, e podem entender o coração como símbolo arquétipo humano universal e como centro da pessoa, símbolo da Sagrada Humanidade de Cristo. Como vimos na primeira parte de nossa pesquisa, o culto ao Sagrado Coração possui raízes bíblicas. Ele pode ser visto na promessa do profeta Zacarias<sup>43</sup> que o Evangelho de João retoma: “Hão de olhar para aquele que trespassaram”.<sup>44</sup> O Coração trespassado de Jesus simboliza a humanidade de Cristo ferida por amor. Olhar o coração trespassado liberta para o amor encarnado de Deus, que se manifesta no próprio Jesus. O Sagrado Coração de Jesus é símbolo do amor de Deus encarnado no Filho<sup>45</sup> e este Coração, essa Sagrada Humanidade, é fonte da misericórdia, escola de humanização para a Filha do Divino Zelo.

É esse Coração, símbolo da Sagrada Humanidade de Cristo, memória de seu jeito de amar ao Pai e a toda a humanidade, que a Filha do Divino Zelo carrega como sinal de sua consagração. Coração humano-divino, que ensina os caminhos da humanização, que ensina a consagrada a ser mulher de misericórdia, que a capacita a seguir nos passos do Esposo e que a molda diariamente na Sagrada Humanidade do Senhor. Coração trespassado, unido ao sofrimento da humanidade, que convida a Filha do Divino Zelo a assumir suas misérias e as misérias do mundo, a fim de que o Reino se realize no amor cotidiano derramado sobre as feridas da criação. Podemos entender a ferida no lado de Jesus como uma ferida de amor, porque quem ama está ferido de amor.<sup>46</sup> Assim, o nosso pobre coração pode acender-se e inflamar-se de novo, uma e outra vez, no contato com a incandescência do amor do Coração de Jesus. O amor de Jesus também pode ferir o coração da Filha do Divino Zelo<sup>47</sup> e aqui encontramos santa Teresa como testemunha de que esse amor é graça que transforma a vida, irresistível e de maior valor que todas as coisas criadas.<sup>48</sup>

---

<sup>41</sup> Cf. Hb 2,17.

<sup>42</sup> Cf. Jo 14,6.

<sup>43</sup> Cf. Zc 12,10.

<sup>44</sup> Jo 19,37.

<sup>45</sup> Cf. KASPER, W., A misericórdia: condição fundamental do evangelho e chave da vida cristã, p. 144-145.

<sup>46</sup> Cf. Ct 4,9.

<sup>47</sup> CLARAVAL, B., Sermones super Cantica canticorum, 61, 4, p. 146.

<sup>48</sup> Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 29,13-14.

A doutrina teresiana ilumina a Filha do Divino Zelo a percorrer os caminhos da plena união a Cristo pelo viés de sua Sagrada Humanidade, de conhecê-Lo e assumir para si seu jeito de amar a Deus e ao próximo, de se relacionar com as pessoas e com toda a criação, de viver pelo Reino de Deus, de empenhar-se na salvação de toda a humanidade, se necessário for, chegando a entrega da própria vida, conforme seu exemplo. No contexto atual, os apelos do Papa Francisco, pedem que não sejamos indiferentes aos sofrimentos que nos cercam, aos sofrimentos que nos habitam, aos sofrimentos que ferem a Cristo. “Deus não é indiferente; importa-Lhe a humanidade”.<sup>49</sup> Em Cristo, em sua Sagrada Humanidade, em seu coração trespassado, Deus mostra-nos que foi até o extremo para pôr fim a desumanização do mundo, aos nossos desamores e friezas de coração, ao hábito de pecado que mancha a sua imagem em cada pessoa.

Na Sagrada Humanidade de Jesus a Filha do Divino Zelo pode reencontrar os sentimentos de bondade, ternura, mansidão, acolhimento, compaixão, misericórdia, tolerância, entre tantos outros, que podem florescer no cotidiano de sua vida, impulsionando-a no caminho de cristificação. Esse processo traz compromissos concretos para o cotidiano da consagrada. O convite à bondade, à compaixão, ao perdão, não pode permanecer na beleza dos discursos, mas urge por tomar carne nos desafios da vida real.<sup>50</sup> À margem do amor, todo o resto, revela-se como sendo nada, tudo carece de valor e torna-se infecundo<sup>51</sup>. Só o amor é o sinal distintivo do verdadeiro cristão, só o amor misericordioso de Deus humaniza, cristifica e coloca a Filha do Divino Zelo em atitude de amantes e cuidadoras da vida. Segundo são João, somos amados por Deus<sup>52</sup>, a fim de que nos amemos uns aos outros.<sup>53</sup> São João nos diz: “Quem ama o seu irmão permanece na luz e não corre perigo de tropeçar. Mas quem tem ódio ao seu irmão está nas trevas e nas trevas caminha, sem saber para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos”<sup>54</sup> e:

---

<sup>49</sup> FRANCISCO, PAPA, Mensagem do 49º Dia mundial da paz, 01 de janeiro de 2016, Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20151208\\_messaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20151208_messaggio-xlix-giornata-mondiale-pace-2016.html), Acesso em: 03/01/2016.

<sup>50</sup> Cf. Ef 4,32; Cl 3,12.

<sup>51</sup> Cf. 1Cor 13.

<sup>52</sup> Cf. Jo 14,21.

<sup>53</sup> Cf. Jo 13,34.

<sup>54</sup> 1Jo 2,10-11.

Se alguém disser: ‘Eu amo a Deus’, mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama o seu irmão a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E nós recebemos d’Ele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão.<sup>55</sup>

Segundo são João Crisóstomo, o amor ao próximo é melhor do que qualquer prática de virtude ou de penitência, melhor inclusive do que o martírio.<sup>56</sup> Entendemos que o amor misericordioso de Deus, revelado na Sagrada Humanidade de Cristo e derramado sobre cada um, é segredo de cristificação para a Filha do Divino Zelo e para todo o cristão. Esse amor só pode ser aprendido na contemplação e união à Sagrada Humanidade de Cristo. Trata-se de uma força terna que reconcilia consigo e com o outro, que liberta para amar, que faz do próprio amor a Lei fundamental. No amor, a Filha do Divino Zelo vai sendo liberta de seus egoísmos e centralidades; vai, aos poucos, deixando o centro e cedendo espaço ao Senhor, deixando de ser auto referência e doando-se pela vida da humanidade. Enfim, a consagrada vai se tornando sempre “mais gente”, sempre mais mulher de misericórdia moldada na Humanidade de Cristo. A esta religiosa cabe o destino do Senhor, fazer-se carne, fazer-se gente, viver como nova criatura, dando de si para a salvação dos irmãos e irmãs. A Filha do Divino Zelo cristificada saberá que:

Estes desempossados, estes estrangeiros, estes carentes de poder, estes pecadores, estes seguidores do Jesus vivem agora com Ele inclusive na renúncia à sua própria dignidade, pois são misericordiosos. Como se não lhes bastasse a sua aflição, a sua própria carência, fazem-se participantes da aflição dos outros, da baixaza dos outros, da culpa dos outros. Sentem um amor irresistível pelos pequenos, os enfermos, os desditosos, os excluídos, os humilhados, pelas vítimas da violência, pelos que sofrem e são excluídos injustamente, por todos aqueles que se angustiam e sofrem; e procuram aqueles que incorrem em pecado e culpa. Nenhuma aflição é demasiado profunda, nenhum pecado demasiado terrível, para que ali se faça presente a misericórdia. As pessoas misericordiosas oferecem a sua própria honra aos que são desonrados e carregam a desonra deles. Colocam-se ao lado dos publicanos e dos pecadores e assumem de bom grado a ignomínia de frequentar a sua companhia. Sacrificam o maior bem do ser humano, a dignidade e a honra pessoais, e são misericordiosas. Só conhecem uma dignidade e uma honra: a misericórdia do seu Senhor, o único a partir do qual vivem. Ele não teve vergonha dos seus discípulos, foi um irmão para os seres humanos, carregou a sua desonra até à morte na Cruz. Tal é a misericórdia de Jesus, o único a partir do qual querem viver os que a Ele estão vinculados, a misericórdia do Crucificado.<sup>57</sup>

<sup>55</sup> 1Jo 4,20s; cf. 5,3; 2Jo 5s.

<sup>56</sup> Cf. SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, Comentário às cartas de São Paulo, v. 1, p. 76.

<sup>57</sup> BONHOEFFER, D., Nachfolge, p. 86.

Jesus aboliu a regra do chamado *ius talionis*: “Olho por olho, dente por dente”<sup>58</sup>, substituindo-a pela seguinte: “Mas, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra”.<sup>59</sup> Isso ultrapassa a força humana normal e requer uma grandeza de alma e um domínio de si que vem apenas de Deus, que é capaz de romper a circulação do mal e o círculo vicioso da desumanidade, a fim de restabelecer a paz.<sup>60</sup>

#### 8.1.4.

#### O amor ao próximo como caminho de identificação a Cristo

Por ocasião do Ano da Misericórdia, o Papa Francisco ensinou a seguinte oração: “Senhor, sou um pecador; Senhor, sou uma pecadora: vem com a tua misericórdia!”<sup>61</sup>, lembrando que “misericordiar” é confiar-se ao perdão de Deus e a seu amoroso cuidado:

Penso que pode nos fazer bem, a todos nós, pensar hoje na nossa eleição, nas promessas que o Senhor nos fez e como eu vivo a aliança com o Senhor. E como me deixo – permitam-me a palavra – ‘misericordiar’ pelo Senhor, diante dos meus pecados, das minhas desobediências. E, no final, se eu sou capaz de louvar Deus por aquilo que me deu, a cada um de nós. Mas jamais se esquecer: os dons e a chamada de Deus são irrevogáveis.<sup>62</sup>

Tendo feita a experiência de misericórdia de Deus, a Filha do Divino Zelo, é chamada ao caminho de um novo nascimento em Cristo, seguindo a Ele que é “Caminho, Verdade e Vida”<sup>63</sup>, empenhando-se incessantemente em se assemelhar à sua Sagrada Humanidade. A contemplação da Sagrada Humanidade de Cristo, tão cara a santa Teresa, é um caminho para o renascimento da Filha do Divino Zelo que encontra no Senhor o Ser Humano por excelência, a misericórdia a ser experimentada e encarnada:

<sup>58</sup> Ex 21,24.

<sup>59</sup> Mt 5,38-42; Cf. Lc 6,29s.

<sup>60</sup> Cf. KASPER, W., A misericórdia: condição fundamental do evangelho e chave da vida cristã, p. 174.

<sup>61</sup> FRANCISCO, PAPA, Audiência Geral, 09 de dezembro de 2015, Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco\\_20151209\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20151209_udienza-generale.html), Acesso em 01/01/2016.

<sup>62</sup> Id., Homilia, 06 de novembro de 2017, Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-diante-dos-pecados-deixe-se-misericordiar-pelo-senhor-36252>, Acesso em 30/05/2019.

<sup>63</sup> Jo 14,6.

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré [...] Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus. Precisamos sempre contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição de nossa salvação.<sup>64</sup>

Tornar-se uma “pessoa de misericórdia”, segundo à Sagrada Humanidade de Cristo, é viver a partir da relação que o Senhor estabelece conosco, deixando que Ele transpareça em nossa existência, oferecendo ao mundo valores cristãos que muitas vezes deixamos de lado no cotidiano, inclusive o desejo da santidade e o empenho por uma vida de pessoas redimidas. “Prefiro a misericórdia ao sacrifício”<sup>65</sup> é um convite à misericórdia em um mundo que já ultrapassou a indiferença e caminha para o espetáculo montado a partir da dor alheia. A misericórdia é um desafio, um modo de “ser humano” a ser reaprendido na vida hodierna, nos relacionamentos, sejam eles interpessoais ou comunitários.

O amor ao próximo é o exercício do amor a Deus e nisso está toda a originalidade da mensagem de Cristo sobre o amor de Deus. Quanto mais uma pessoa progride na vida espiritual, maiores serão seus sofrimentos diante da dor de seu próximo. Na medida da entrega a Deus a pessoa vai adentrando mais profundamente no mistério da Igreja, vai adquirindo mais viva consciência de sua condição de membro de Cristo, de pertencer a um Corpo vivo. Essa consciência leva ao empenho para que o mundo seja enxertado em Cristo.<sup>66</sup>

Para santa Teresa a santidade, almejada pela Filha do Divino Zelo, consiste na vivência do amor ao próximo, que é na verdade o cumprimento da vontade do Pai: “[...] só duas coisas nos pede o Senhor: amor a Sua Majestade e ao próximo”.<sup>67</sup> A santidade é amor, é o amor misericordioso testemunhado por Jesus Cristo e testemunhado na vida do cristão, da consagrada Filha do Divino Zelo:

A meu ver, o sinal mais certo para verificar-se se guardamos essas duas coisas (o amor a Deus e ao próximo) é a observância fiel do amor ao próximo. Com efeito, não é possível saber se amamos a Deus (embora haja grandes indícios para entender que O amamos); já o amor ao próximo pode ser comprovado. E convencei-vos: quanto mais praticardes este último, tanto mais estareis praticando o amor a Deus. Isso porque é tão grande o amor que o Senhor nos tem que, para

<sup>64</sup> FRANCISCO, PAPA, Bula, *Misericordiae Vultus*, 1-2.

<sup>65</sup> Mt 9,13.

<sup>66</sup> Cf. JESÚS, S., *Doctrina teresiana del amor al prójimo*, p. 637-638.

<sup>67</sup> SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 5,3,7.

recompensar aquele que demonstramos pelo próximo, faz crescer por mil maneiras o amor que temos a Ele. Disso não posso duvidar.<sup>68</sup>

Trata-se de um amor cuja fonte é o próprio Deus. Ele, sua Majestade, que tanto nos ama, faz crescer em nós o amor que temos a Ele na medida em que vamos demonstrando o nosso frágil amor em nossos irmãos e irmãs. Sendo fiéis à doutrina teresiana precisamos recordar que o amor ao próximo está interligado à oração, o que C. Bernard chamará da caridade invisível, pois se realiza no silêncio da oração.<sup>69</sup> Sendo a oração um trato de amizade com Deus, os orantes são amigos íntimos de Deus e empenham a vida em amar os amigos deste Amigo, formando com Ele um só Corpo, uma comunhão universal com toda a Igreja.

Amor ao próximo, santidade e oração, se encontram em santa Teresa. A oração é amar e o amor em nossa doutora mística pode ser definido em duas coisas: determinar-se a trabalhar e a padecer, tratando especialmente das obras de caridade. A intimidade com Deus, a oração que se dá no silêncio, que por si mesma é caridade, também manifesta sua fecundidade na oração-serviço e em especial na caridade realizada: “Ó Jesus meu! Quão grande é o amor que tendes aos filhos dos homens, a ponto de o maior serviço que se pode fazer a Vós seja deixar-Vos por seu amor e lucro [...]”.<sup>70</sup>

Santa Teresa nos ensina que a intimidade com o Senhor é o tempo em que a alma se regozija, porém, dedicar-se ao serviço ao próximo é presentear o próprio Senhor, que disse que tudo o que for feito aos irmãos é a Ele que se está fazendo.<sup>71</sup> A doutrina teresiana estimula a Filha do Divino Zelo à entrega total ao próximo, feita na oração e nas obras de misericórdia espirituais e corporais, na “oração de solidão” e na “oração-serviço”: “E, quando não podem fazer coisa alguma com obras, importunam o Senhor, através da oração, pelas almas [...]”.<sup>72</sup> Mais uma vez santa Teresa nos recorda que as obras de misericórdia são frutos do amor de Deus. A Filha do Divino Zelo precisa tornar-se imagem da misericórdia de Deus para derramar-se em amor sobre a messe do Senhor. Isso será possível somente mediante a graça de Deus que vem em seu auxílio e a identifica com Cristo.

<sup>68</sup> SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 5,3,8.

<sup>69</sup> Cf. BERNARD, C. A., Introdução a teologia espiritual, p. 132.

<sup>70</sup> SANTA TERESA, Exclamações da Alma a Deus, 2,2.

<sup>71</sup> Cf. Id., Fundações, 5,3.

<sup>72</sup> Ibid., 5,5.

### 8.1.5. Ser “mulher de misericórdia”

Contribuímos com a salvação dos outros quando nos empenhamos em viver como pessoas salvas e santificadas por esta Misericórdia.<sup>73</sup> Encontramos em santa Teresinha uma boa compreensão acerca deste caminho espiritual:

[...] eis minha prece. Peço a Jesus para me atrair às chamas de seu Amor, para me unir tão estreitamente a ele, que ele viva e aja em mim. Sinto que quanto mais o fogo do amor abrasar meu coração, quanto mais eu disser “atraí-me”, mais também, as almas que se aproximarem de mim (pobre pedacinho de ferro inútil, se eu me afastar do braseiro divino) correrão, rápidas, ao odor dos perfumes de seu Amado, pois uma alma abrasada de amor não pode permanecer inativa.<sup>74</sup>

Tocamos aqui no valor do testemunho daqueles que vivem em intimidade com o Senhor e que refletem sua luz despertando outros corações para o seguimento. A intimidade com Ele é caridade com a humanidade.

Ressaltamos que a “oração-serviço” não é um obstáculo para a santificação, mas é o fruto desse caminho de intimidade e ao mesmo tempo é um impulso para buscar ainda mais intimamente o Senhor. O amor, para a santa Madre, se vive com o próximo, nas atividades cotidianas, que demonstram o que a pessoa traz no coração. Atividades que são frutos do amor e revelam Deus e não atividades que transparecem um ativismo descontrolado e que apenas revelam uma alma egoísta em busca de satisfazer seu próprio ego. É nos frutos que reconhecemos a fertilidade da árvore:

É aqui, em meio às ocasiões, e não nos recantos, que devemos submeter o amor a prova. E, creiam-me, mesmo que haja mais faltas e mesmo algumas pequenas quebras, o ganho que nos é propiciado é incomparavelmente maior. Vede que sempre suponho que estejais ocupadas por motivos de obediência e de caridade, porque, na ausência deles, sempre julgo melhor a solidão. E, mesmo cuidando de coisas exteriores, devemos desejá-la. Na verdade, esse desejo é permanente nas almas que amam verdadeiramente a Deus. E afirmo haver ganhos aí porque, nas ocasiões, podemos compreender melhor quem somos e até onde vai a nossa virtude. A pessoa que sempre está em isolamento, por mais santa que possa considerar-se, não sabe se é paciente ou humilde, nem tem meios para sabê-lo. Como saber se um homem é valente se nunca o vimos em batalha?<sup>75</sup>

Aqui temos uma relevante iluminação para a Filha do Divino Zelo, no que se refere à vivência de sua consagração contemplativa-apostólica. S. Castro dirá

<sup>73</sup> Cf. JESÚS, S., *Doctrina teresiana del amor al prójimo*, p. 643.

<sup>74</sup> SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, *Manuscritos “C”*, p. 218.

<sup>75</sup> SANTA TERESA, *Fundações*, 5,15.

que o significado que a caridade fraterna tem, brota do papel funcional que desempenha a vida de oração íntima, que a caridade deve preceder a esta e ao mesmo tempo acompanhá-la. Precede porque o amor ao próximo será uma das primeiras condições que santa Teresa aponta para poder viver a oração. É uma pedra fundamental do edifício da oração<sup>76</sup>, o melhor caminho inclusive para adquirir a união com Deus, “melhor que a contemplação”<sup>77</sup>:

Quando vejo algumas pessoas muito diligentes em compreender a oração que têm e muito empertigadas quando estão nela (a tal ponto que não ousam mexer-se nem agir com o pensamento, a fim de não perderem um pouquinho do gosto e da devoção que tiveram), percebo quão pouco entendem do caminho por onde se alcança a união. E pensam que nisso reside o essencial. Não, irmãs, não; o Senhor quer obras.<sup>78</sup>

A caridade acompanhará a oração, pois do contrário, não será visibilidade autêntica de intimidade com o Senhor e tão pouco de santidade. A oração de intimidade que não florescer em serviço ao próximo não é oração genuína, pois a oração deve ser sempre para o proveito das almas e não para os prazeres pessoais.<sup>79</sup> A vida de oração, de amizade com Deus, trará para a Filha do Divino Zelo as obras e as virtudes, a assemelhando sempre mais à Sagrada Humanidade de Cristo, preservando-a de cair num ativismo vazio ou de aderir às ideologias que nada dizem do evangelho. Da mesma maneira, a caridade moverá, pela graça, a religiosa a estar sempre mais íntima a Deus, reconhecendo que somente com as suas forças não é possível amar como o Senhor ama e buscará nele o amor que lhe falta.

Os efeitos que o trato de amor traz em relação ao próximo são inúmeros. Dentre esses, santa Teresa ressalta a busca por amizades santificantes, que ajudem a pessoa a crescer na intimidade com Deus<sup>80</sup>, não apenas para o crescimento pessoal, mas para que a pessoa possa ser testemunho na vida de todos os irmãos e irmãs, ajudando-os a crescer na intimidade com Cristo.<sup>81</sup> A Filha do Divino Zelo, com o carisma de zelar pela messe do Senhor, iluminada pela espiritualidade teresiana, tem maiores oportunidades para compreender que os bons, os pecadores, os hereges, os infiéis e todos os que Deus lhe confiar, entram na

<sup>76</sup> Cf. SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 6,1.

<sup>77</sup> Cf. JESÚS, S., Doctrina teresiana del amor al prójimo, p. 643-644.

<sup>78</sup> SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 5,3,11.

<sup>79</sup> Cf. Id., Caminho de Perfeição, 34,1.

<sup>80</sup> Cf. Id., Fundações, 30,9.

<sup>81</sup> Cf. Id., Livro da Vida, 41,7.

perspectiva do amor. A pessoa que entrou na dinâmica do amor de Deus, torna-se para os outros a irradiação da Luz do próprio Deus. Quando a Filha do Divino Zelo se encontra imersa no amor misericordioso de Deus, sofrerá não apenas por suas faltas, mas também pelos pecados cometidos por seus irmãos e irmãs, chorará essas faltas e oferecerá a vida pelo bem dos outros, ao mesmo tempo que se tornará uma voz profética que convida à conversão e ao retorno a Deus.<sup>82</sup>

O amor a Deus é a raiz do apostolado legítimo e “esse amor se assemelha ao que teve por nós Jesus, nosso bom amigo, imitando-o”.<sup>83</sup> Santa Teresa nos dirá que: “[...] no que é ação e parece exterior age o interior, e as obras ativas que saem dessa raiz são admiráveis [...] visto advirem da árvore do amor de Deus, e só por Ele, sem nenhum interesse próprio [...] para beneficiar muitos”.<sup>84</sup> Santa Teresa propõe um apostolado purificado, ou seja, fundamentado no amor misericordioso de Deus, livre dos interesses humanos, sempre buscando o bem do próximo. O apostolado é uma luta por Deus e contra o mal, que convida a consagrada à contínua humildade, reconhecendo que nada pode pelas suas próprias forças. Santa Teresa pode iluminar o caminho espiritual-carismático da Filha do Divino Zelo ao dizer-lhe que, quando seu apostolado parte do amor de Deus, quando busca conformar-se à Sagrada Humanidade de Cristo, terá maiores possibilidades de suportar ao próximo por Deus.<sup>85</sup> Como vimos na primeira parte de nossa pesquisa, isso aparece de maneira clara na vida do fundador, que reconhece amar aos pobres como consequência do amor de Deus e não por seus méritos ou dos que ama. Como podemos ver, principalmente nas sétimas moradas teresianas, é na medida que cresce a união com Deus por meio de suas “mercês”, que o amor ao próximo toma espaço na vida da Filha do Divino Zelo ao mesmo tempo que, é na medida que exercita o amor a Deus amando aos semelhantes que a religiosa cresce na intimidade com o Senhor.

Nesta perspectiva a Filha do Divino Zelo é chamada a tornar-se uma “mulher de misericórdia”, conformada a Cristo, chamada a sair de si mesma, a optar por Deus e por sua Vontade, assim como fez o Senhor, colocando-se a serviço da messe abandonada que clama por misericórdia. Acordar do sono da indiferença, sair da paralisação do egoísmo, abdicar dos holofotes do status e do

<sup>82</sup> Cf. SACRAMENTADO, F. D. J., *Doctrina teresiana del amor de Dios*, p. 635.

<sup>83</sup> SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 7,4.

<sup>84</sup> Id., *Conceitos do Amor de Deus*, 7,3.

<sup>85</sup> Cf. Id., *Cartas*, 273,11.

poder, em troca da Cruz de Cristo, da vida feita sacrifício junto ao sacrifício de Cristo por toda a Igreja, é abrir-se às dores dos irmãos e irmãs de perto e de longe, é desinstalar-se para servir a Deus com as obras de misericórdia que Ele mesmo indicar, sejam estas corporais ou espirituais.<sup>86</sup> A Filha do Divino Zelo bem viverá o carisma do Rogate quando tornar-se “mulher de misericórdia”, segundo a Sagrada Humanidade de Cristo, ciente que “a misericórdia de Deus não desampara a quem deseje servi-lo”.<sup>87</sup>

Prossigamos contemplando Maria, Mãe de Misericórdia, no caminho espiritual da Filha do Divino Zelo, sob a luz da doutrina teresiana.

## 8.2.

### Com Maria a Filha do Divino Zelo entoa seu *Magnificat* às misericórdias de Deus

#### 8.2.1.

#### Maria como modelo e companheira no caminho de cristificação

Nos capítulos precedentes vimos que santa Teresa de Jesus e santo Aníbal Maria viveram a espiritualidade mariana em âmbitos familiares, devocionais e evangélicos. Maria foi um marco na caminhada de Aníbal Maria e de Teresa de Jesus. O dado histórico de ambas as Ordens Religiosas estarem entregues ao patronato de Maria, de seguirem sob sua proteção, de assumirem o hábito da Virgem do Carmo, de terem-na como modelo de consagração e a reconhecerem como meio seguro para chegar a Cristo, tomando em consideração o mistério da Encarnação, onde Maria traz em seu corpo o Verbo que se faz Carne<sup>88</sup>, faz com que não tenhamos dúvidas de que a espiritualidade mariana é um forte vínculo entre ambos os fundadores, suas obras, seu carisma e a herança espiritual deixada para suas religiosas. Neste percurso, queremos destacar o caminho espiritual que podemos assumir junto de Maria para uma maior conformidade com Cristo, Esposo, Senhor da messe, fim último da consagrada Filha do Divino Zelo.

No percurso teresiano vemos que Maria a acompanha nos passos dados no interior do castelo, nas moradas que a levam ao encontro perfeito com o Senhor. Para Teresa, a Virgem Santíssima é aquela que acompanha a consagrada no

<sup>86</sup> Cf. FRANCISCO, PAPA, Bula, Misericordiae Vultus, 15.

<sup>87</sup> SANTA TERESA, Fundações, 10,2.

<sup>88</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática, Lumen Gentium, 52.

caminho de intimidade com Cristo, na contemplação do mistério da Sacratíssima Humanidade do Senhor. Olhar para Maria, contemplar sua humanidade, sua entrega plena a Deus, seu silêncio orante e sua perfeita caridade, é contemplar o Verbo Encarnado, que dela recebeu a humanidade, que nela cresceu e fez-se homem, que dela aprendeu os primeiros passos de sua peregrinação nesta terra. A Encarnação deu-se no ventre de Maria, ela foi o primeiro templo onde o Filho habitou. Contempla-la, é contemplar a Cristo que a habita; tê-la por modelo de consagração é dispor-se para que o Filho faça da consagrada seu templo santo e a conforme a si gradativamente. Santa Teresa de Jesus e santo Aníbal Maria compreenderam que por Maria se vai a Jesus, que ela é a “Sacratíssima Mãe” do Verbo Encarnado, do Deus feito Homem, é *Theotókos* e como discípula do Filho, é serva, é Mãe, é intercessora, é Virgem do Silêncio e da Oração, que conduz à Belém e à Jerusalém, os discípulos e discípulas que seguem os passos do Senhor.

Em Maria a Filha do Divino Zelo tem o modelo de “Mulher, Mãe, Discípula” que segue pelos caminhos do Senhor em intimidade e união, onde oração e vida não encontram separação, não havendo uma preocupante “esquizofrenia” entre carisma professado e carisma vivenciado. Já não apenas rezamos pelas vocações, mas permitimos que o Senhor reze em nós ao Pai pelos bons operários, fazendo de nossa vida uma oração contínua pelos interesses de seu Coração: “Ele ora por nós como nosso sacerdote; ora em nós como nossa cabeça e recebe a nossa oração como nosso Deus”.<sup>89</sup> Teresa de Jesus e Aníbal Maria são convictos de que Maria é modelo de santidade e de comunhão com Cristo, pois não há santidade fora da comunhão com o Senhor.

Portanto, Maria é o verdadeiro modelo de santidade vivida através da contemplação dos mistérios da Sacratíssima Humanidade de Cristo<sup>90</sup>, o que na linguagem de Aníbal Maria, ou melhor dizendo, do século XIX, podemos interpretar como a contemplação e vivência de todos os “sentimentos do Coração Santíssimo de Jesus”. A Bem-Aventurada Virgem Maria, canta louvores a Deus por suas maravilhas, vive as bem-aventuranças e é para todas as gerações modelo de santidade. Na vivência das bem-aventuranças evangélicas, plena da graça de Deus, acompanha cada Filha do Divino Zelo na busca permanente por uma vida

<sup>89</sup> SANTO AGOSTINHO, Comentário sobre os Salmos: Jesus Cristo ora por nós, ora em nós, e recebe a nossa oração, p. 282.

<sup>90</sup> Cf. ÁLVAREZ-SUÁREZ, A., Santa Teresa d’Ávila: una vita all’insegna della Vergine Maria, p. 179.

santa e santificante, na certeza de que a virtude da fé permanece viva em todos os momentos<sup>91</sup>, guiando essa busca mesmo nos momentos de queda. Em Maria, ambos os santos fundadores contemplam a fé pura que impulsiona os discípulos de todos os tempos:

Essas pessoas alegam que o Senhor disse a Seus discípulos que lhes convinha que Ele se fosse. Eu não posso tolerar! Certamente não o disse a Sua Mãe Sacratíssima, porque Ela estava firme na fé e sabia que Ele era Deus e homem. E, embora O amasse mais do que os discípulos, fazia-o com tanta perfeição que isso antes a ajudava.<sup>92</sup>

Maria é modelo de conformação ao Senhor e inspira a Filha do Divino Zelo neste caminho de santidade. Ela é “[...] a mais perfeita imitadora de seu Divino Filho, a qual mesmo sendo a Rainha se fez escrava”.<sup>93</sup> Com ambos os fundadores compreendemos que não podemos separar a espiritualidade mariana que compõe a identidade de ambas as Ordens Religiosas da contemplação do mistério do Verbo, Crucificado e Glorificado: “Maria, portanto, na plenitude de sua fé, imersa no mistério do Filho que gerou, se levanta como modelo de uma santidade cristã que não pode jamais deixar de fazer referência à Humanidade Sacratíssima de Cristo, fonte de todo o bem”.<sup>94</sup> A tomamos como modelo de discipulado, pois é a primeira discípula do Senhor.<sup>95</sup> Em sua materna companhia a Filha do Divino Zelo segue os passos de Cristo, para que possa resplandecer a santidade do Divino Esposo em meio ao mundo. Ela é modelo de adesão total a Humanidade de Cristo.<sup>96</sup> Ninguém melhor que a Mãe para conhecer o Coração do Filho. É uma verdadeira “escola” de contemplação da Humanidade do Senhor, e perfeita educadora daquelas que desejam ter suas vidas conformadas nele.

## 8.2.2. Maria, modelo de diálogo interior

L. Gaetani nos mostrará o percurso da oração teresiana em consonância com Maria, que é Mulher Forte e Menina Santa, de Nazaré e de todos os corações que

<sup>91</sup> Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, *Le tre età della vita interiore*, v. 1, p. 80-81.

<sup>92</sup> SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 6,7,14.

<sup>93</sup> DI FRANCIA, A. M., *Scritti. Regolamenti* (1883-1913). v. 5, p. 363. [TN].

<sup>94</sup> ÁLVAREZ-SUÁREZ, A., *Santa Teresa d'Ávila: una vita all'insegna della Vergine Maria*, p. 179. [TN].

<sup>95</sup> Cf. SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 26,8.

<sup>96</sup> Cf. Id., *Livro da Vida*, 22,1.

reconhecem a beleza da alma criada por Deus e para Deus, que pela graça resplandecem a Luz da santidade do Criador, na busca e anseio pela eternidade, que vai se realizando na caridade com os irmãos e irmãs de caminhada.<sup>97</sup> Para o autor, a partir das quartas moradas, Deus começa a tornar-se o protagonista da vida de oração, passando-se da oração na qual se recolhe diante de Deus à oração na qual nos deixamos recolher ou abraçar por Ele. Já não se parte de si mesmo para Deus, mas é o próprio Cristo que centraliza a alma em si, a abraça e a inunda de paz. É então, quando passamos da oração vocal para a oração mental, não mais vivendo dispersos, fora de si, mas orientados para a própria consistência interior, que podemos olhar para Maria e compreender que Ela é aquela que tudo guardava em seu coração<sup>98</sup> e que mostra o caminho do recolhimento e da oração constante, que leva a guardar no coração todas as palavras do Senhor, todos os fatos de sua vida e todo o seu projeto para nossa participação em seu mistério.

Na perspectiva das Filhas do Divino Zelo, o diálogo interior, já não mais consigo, mas com o próprio Senhor<sup>99</sup>, que acontece no Coração Imaculado de Maria, é modelo para toda a consagrada. E Maria, seu corpo, sua carne, seus afetos, seus pensamentos, sua vontade, então se tornam plenamente de Deus, pois aquela que é “plena de graça”, não pode ter em si um diálogo interior egoísta, que ame mais a si mesma do que ao Deus que a habita. Seu “*fiat*” foi a resposta consciente do Amor gerado em seu coração pela graça do Senhor que a inundou e a fez exultar no louvor<sup>100</sup> e na entrega de vida pela messe de todos os tempos.<sup>101</sup> Nos passos de Maria, a consagrada Filha do Divino Zelo é convidada a estabelecer em seu cotidiano um diálogo interior que a mantenha em permanente unidade com o Senhor, não se privando em nenhum espaço ou tempo de estar na presença do Amado. Mesmo que isso não aconteça em um primeiro momento, é fundamental que essa consciência seja assumida com responsabilidade, com passos firmes nas primeiras moradas, para que haja uma abertura à ação de Deus, permitindo gradativamente que Ele seja o protagonista do trato de amizade entre Esposo e esposa. Teresa assim nos diz:

<sup>97</sup> Cf. GAETANI, L., *Spiritualità, preghiera e devozione mariana in Santa Teresa di Gesù*, p. 147-166.

<sup>98</sup> Cf. Lc 2,19.

<sup>99</sup> Cf. GARRIGOU-LAGRANGE, *Le tre età della vita interiore*, v. 1, p. 65-73.

<sup>100</sup> Cf. Lc 1,46-55.

<sup>101</sup> Cf. Jo 19,26.

Demos-Lhe esse pouquinho de tempo que nos determinamos a dar-Lhe – do muito que gastamos conosco e com quem não vai nos agradecer –, já que Lhe queremos dar esse nada, com o pensamento livre e desimpedido de outras coisas, e com toda a decisão de nunca mais tomá-lo outra vez Dele, por mais sofrimentos que nos advenham daí, por mais contradições e securas, e de uma maneira que ele já não seja mais nosso, pensando que Ele pode exigir-lo de mim com razão quando eu não quiser dá-lo a Ele de todo.<sup>102</sup>

Este tempo que dedicamos a Deus, em um primeiro momento, o fazemos como crianças que balbuciam palavras até pouco compreensíveis a seus pais que as acolhem com alegria e satisfação. Este é o tempo da oração vocal, na qual a alma se dirige a Deus com fórmulas livremente escolhidas, porém, consciente de que as orações mais belas são aquelas que Deus mesmo nos ensinou: Salmos, Pai Nosso, a Oração pelos Bons Operários da Messe e, em parte, a Ave Maria. Até que cheguemos ao ponto de sentirmos a necessidade de unir o que pronunciamos com o que pensamos e refletimos, isto é, da oração vocal à oração mental:

Quem poderá afirmar que é ruim, se começarmos a rezar as Horas ou o rosário, que iniciemos pensando Naquele com quem vamos falar e em que é que fala para saber de que modo O haveremos de tratar? Pois eu vos digo, irmãs, se o muito que é preciso fazer para compreender essas duas coisas fosse bem-feito, antes de começardes a oração vocal que ides fazer, teríeis dedicado bastante tempo à oração mental.<sup>103</sup>

Vemos aqui a importância de rezarmos como Maria, que tudo guardava no coração, que tudo confiava a Deus e permanecia na vontade do Senhor em todos os momentos, até mesmo na entrega do Filho no Altar da Cruz. Maria, modelo de oração e de vida interior, convida a Filha do Divino Zelo a fazer da oração pela messe, isto é, o Rogate, não apenas uma oração vocal, ou pontual, mas uma oração que ocupe seus pensamentos, seus afetos e todo o seu ser. Com o auxílio da Virgem Maria, a vida da consagrada Filha do Divino Zelo, é torna-se uma permanente súplica pelos operários e operárias para a Igreja, onde palavras, pensamentos e afetos, se unem à compaixão do Coração de Cristo pela humanidade sofredora. Maria é o modelo para aquelas que desejam fazer da vida uma oferta de oração pelos interesses do Coração de Jesus: “Terá presente o exemplo da Santíssima Virgem Maria, modelo e Mestre de perfeitíssima obediência [...]”.<sup>104</sup> Maria é modelo da perfeita obediência à Palavra de Deus que

<sup>102</sup> TERESA DE JESUS, Caminho de Perfeição, 23,2.

<sup>103</sup> Ibid., 22,3.

<sup>104</sup> DI FRANCA, A. M., Scritti. Regolamenti (1883-1913), v. 5, p. 80. [TN].

tomou carne em seu ventre, o mesmo Verbo que exclamou: “*Rogate Ergo Dominum Messis Ut Mittat Operarios In Messem Suam*”.

Este recolhimento “passivo” é o próprio Deus quem produz na alma. O primeiro passo é tomarmos consciência que o Senhor habita em nós e ali devemos fazer-Lhe companhia, recolhendo-nos para estarmos com Ele. Esse recolhimento consiste em colocar todas as atenções no Senhor, como uma alma enamorada que se dedica sem distração à pessoa amada.<sup>105</sup> Entendemos que Maria, Mãe e Discípula, ao longo de toda a sua existência foi atraída por Deus, teve seu olhar centrado em seu Filho e Senhor, pois assim foi do agrado do próprio Deus que nela fez maravilhas.<sup>106</sup>

Assim, na humildade da “Serva do Senhor”, daquela que conheceu a Verdade e pela Verdade foi conduzida, a Filha do Divino Zelo é convidada a avançar em seu caminho espiritual, adotando para si a dinâmica teresiana, tão admirada e vivenciada pelo fundador, em ousar no autoconhecimento, no reconhecimento das próprias misérias, no encontro com a Verdade, para deixar-se iluminar pela Misericórdia Redentora do Senhor, e fazer da intimidade com Ele o motivo de sua consagração, traduzindo esse trato de amizade e amor, em atos de misericórdia e fraternidade na vida comum e na oração constante pelos operários e operárias para a messe, segundo o modelo de Maria, mulher por excelência conformada a Cristo. Santa Teresa nos lembrará que nossa alma é habitada por Deus<sup>107</sup>, como Maria que em si acolheu o Salvador. A seu exemplo devemos ser-Lhe companhia:

Pensais que importa pouco a uma alma dissipada entender essa verdade e ver que não precisa, para falar com seu Pai eterno ou para regalar-se com Ele, ir ao céu nem falar em altos brados? Por mais baixo que fale, Ele está tão perto que a ouvirá; do mesmo modo, ela não precisa de asas para ir procurá-Lo, bastando pôr-se em solidão e olhar para dentro de si, não estranhando a presença de tão bom hóspede. A alma deve com grande humildade, falar-Lhe como a um pai, perder-Lhe como a um pai, contar seus sofrimentos e pedir alívio para eles, compreendendo que não é digna de ser Sua filha.<sup>108</sup>

A certeza de sermos habitação de Deus está enraizada no mistério da Encarnação: “Que motivo de tanta admiração! Aquele que poderia encher mil

<sup>105</sup> Cf. GAETANI, L., *Spiritualità, preghiera e devozione mariana* in Santa Teresa di Gesù, p. 162-163.

<sup>106</sup> Cf. Lc 1,49.

<sup>107</sup> Cf. SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 28,11.

<sup>108</sup> *Ibid.*, 28,2.

mundos, e muitos mais, com a Sua grandeza encerrar-se numa coisa tão pequena!”<sup>109</sup>, como quis estar no seio de sua Santíssima Mãe. Trata-se de ter uma consciência mariana. À Filha do Divino Zelo que ora, deve acontecer algo semelhante à Maria, e dizemos isso referindo-nos ao diálogo que acontece entre o homem e Deus que não ocorre fora, mas no interior do coração, em empatia com a pessoa de Jesus. Maria era uma hebreia crente, sabia que Deus havia falado com seus pais na fé e que podia também ela dialogar com Ele, conforme Ele mesmo revelou. Em todos os orantes do povo eleito a oração ganhou este caráter sublime, mas em Maria a Palavra de Deus, aquela que recolhe todas as palavras por Ele anteriormente reveladas, se faz Carne: é a Virgem que doa à Palavra sua carne e que, por sua vez, vive daquele que gerou. Por Maria, e por todos os cristãos depois dela, rezar será falar com o Menino e do Menino, rezar será escutar o Menino, rezar será acalentar o Menino em suas dores, rezar será ouvir as batidas de seu Coração e o acompanhar em todas as suas alegrias e tristezas. E desde quando esse Menino se ofereceu ao mundo como Mestre e Salvador, rezar torna-se dialogar com Ele, de todas as maneiras que consente uma amizade de tal proporção, até a mais íntima sponsalidade, o mais profundo contato com sua Sacratíssima Humanidade.<sup>110</sup>

### **8.2.3. Maria, modelo de humildade e amor**

Santo Aníbal Maria entende que a busca da perfeição cristã passa pela necessidade do exercício de algumas virtudes, referindo-se a estas como a verdadeira penitência a ser praticada pelo cristão:

Portanto, a verdadeira penitência consiste no exercício das santas virtudes das quais é dito, na contradição e humilde confissão das próprias culpas, ao reprimir e vencer em tudo a si mesma, no manter-se ilibada, ao ter paciência nas adversidades, no suportar e amar as companheiras, ao depender da vontade das Superiores e no sacrificar-se por Jesus Sumo Bem, e pelas almas.<sup>111</sup>

<sup>109</sup> TERESA DE JESUS, Caminho de Perfeição, 28,11.

<sup>110</sup> Cf. GAETANI, L., Spiritualità, preghiera e devozione mariana in Santa Teresa di Gesù, p. 164-165.

<sup>111</sup> DI FRANCIA, A. M., Scritti. Regolamenti (1883-1913), v. 5, p. 729. [TN].

Aponta a humildade<sup>112</sup> como primeira virtude a ser cultivada segundo o modelo de Cristo que diz: “[...] eu sou manso e humilde de coração”.<sup>113</sup> Lembra que a humildade é uma virtude que está na base de todas as virtudes, que foi buscada e valorizada por todos os santos. A humildade, vivida interna e externamente, leva a consagrada a amar mais a pobreza que a riqueza, mais a simplicidade que o esplendor das grandes obras, mais a Deus que a si mesma, mais a Cruz de Cristo que as honras do mundo. Santo Aníbal dirá que Maria, depois de Jesus, é o mais perfeito modelo de humildade e mansidão.<sup>114</sup> Como vimos, a humildade também é uma das virtudes que incidiram diretamente na vida de santa Teresa de Jesus. Os dois fundadores tomaram Maria como modelo desta virtude que a fez cantar o *Magnificat* após acolher em seu ventre o Filho de Deus que desceu do céu:

Filhas minhas, imitemos um pouco a grande humildade da Virgem Santíssima, cujo hábito trazemos, pois é muito impróprio nos chamarmos monjas suas, já que, por mais que tenhamos a impressão de nos humilhar, bem longe estamos de ser filhas de tal Mãe e esposa de tal Esposo.<sup>115</sup>

Santa Teresa penetrou o *Magnificat*, cântico da humildade da escrava do Senhor, e ficou impressionada com os sentimentos da Virgem ali expressos, com a glória e louvor dados a Deus<sup>116</sup>, com a exultação que vem do mais profundo do seu ser.<sup>117</sup> A humildade de Maria muito comove santa Teresa e a faz compreender que a humildade é a “dama” que decide a partida com Deus:

A rainha é a que mais guerra Lhe pode mover neste jogo, contanto com a ajuda de todas as outras peças. Não há rainha que force o Rei a se render como a humildade; esta O trouxe do céu nas entranhas da Virgem e, com ela nós O traremos preso por um fio de cabelo a nossas almas. E crede-me, quem mais a tiver mais O reterá, e quem menos a tiver, menos O poderá. Não consigo entender como há ou pode haver humildade sem amor ou amor sem humildade, do mesmo modo como não compreendo como pode haver essas duas virtudes sem que haja grande desapego de todas as coisas criadas.<sup>118</sup>

<sup>112</sup> Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti. Regolamenti (1883-1913), v. 5, p. 365-368.

<sup>113</sup> Mt 11,29.

<sup>114</sup> Cf. DI FRANCIA, A. M., op. cit., p. 367.

<sup>115</sup> SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 13,3.

<sup>116</sup> Cf. ÁLVAREZ-SUÁREZ, A., Santa Teresa d'Ávila: una vita all'insegna della Vergine Maria, p. 191.

<sup>117</sup> Cf. SANTA TERESA, Caminho de Perfeição (E), 19,3.

<sup>118</sup> SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 16,2.

Quem não aprende a humildade de Maria e não a incorpora em sua vida, não vencerá a batalha da vida cristã, não se torna apto ao Amor oferecido por Deus e a entrega de amor pela humanidade.<sup>119</sup> A exemplo de Maria, a religiosa Filha do Divino Zelo é chamada a contemplar as maravilhas do Senhor em sua vida e missão, numa perene gratidão pelo Amor e Misericórdia de Deus em toda a sua história pessoal e institucional. Para santa Teresa a humildade de Maria, que a leva à adesão à Vontade de Deus e ao *Magnificat*, é caminho de santificação para todos os cristãos:

Convém nos lembrar do que fez a Virgem Nossa Senhora, com toda a sua sabedoria, perguntando ao anjo: Como se fará isso? E quando o anjo lhe disse: O Espírito Santo virá sobre ti; a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, ela não tratou de mais disputas. Como quem tinha grande fé e sabedoria e percebeu algo que, diante da intervenção dessas duas coisas, nada mais havia para saber ou de que duvidar. Ela não foi como alguns letrados [...]. Se eles aprendessem um pouco da humildade da Virgem Sacratíssima.<sup>120</sup>

A escuta mariana impulsiona a Filha do Divino Zelo a abrir-se sempre mais para acolher com humildade a Palavra de Deus e assumir como sua a Vontade do Senhor. A Virgem acolheu em todo o seu ser a Palavra que se fez carne, viveu para esta Palavra, deu-lhe vida no mais profundo de si e alimentou-a com sua própria vida. Tomar Maria como modelo de consagração na espiritualidade teresiana, é tomar para si a missão de humildemente acolher a Palavra de Deus, deixar que o Verbo se encarne em seu próprio ser até afirmar com o apóstolo: “Já não sou eu quem vivo, mas é Cristo quem vive em mim”.<sup>121</sup>

Junto à Mãe do Verbo Encarnado, a Filha do Divino Zelo é convidada a viver o mandamento do Senhor de amar segundo o seu Divino Coração. Amar segundo Cristo é humildemente reconhecer a própria impotência e suplicar de seu Coração o amor necessário para imitá-Lo. O fundador recomenda a súplica à Santíssima Virgem para com Ela aprender a amar verdadeiramente Deus e ao próximo. Ela que é a Mãe do Belo Amor, pode alcançar à Filha do Divino Zelo este Divino Amor, ensinando a virtude da humildade e da obediência, da paciência em todas as contrariedades, do santo silêncio e do diálogo interior com Deus.

<sup>119</sup> Cf. ÁLVAREZ-SUÁREZ, A., Santa Teresa d'Ávila: una vita all'insegna della Vergine Maria, p. 191.

<sup>120</sup> SANTA TERESA, Conceitos do Amor de Deus, 6,7.

<sup>121</sup> Gl 2,20.

Maria é modelo de oração, inspiração para que a religiosa busque sempre mais a intimidade com o Senhor, não cesse de bater à sua porta suplicando à divina misericórdia para alcançar a perseverança final. No testemunho de amor de Maria, expresso no arco de toda a sua vida terrena e agora em sua vida celeste, a Filha do Divino Zelo encontra uma Mãe que a acompanha na busca pelas verdades eternas.<sup>122</sup> À Virgem do Amor santa Teresa destina sua atenção, nela encontra inspiração para seus comentários ao *Cântico dos Cânticos* e celebra este amor na sua liturgia mariana.<sup>123</sup> O Breviário usado por santa Teresa nos últimos dez anos de sua vida traz marcadas as páginas do Ofício da Virgem Maria, com a qual cantava o Amor Divino diariamente:

Ó Senhora minha, com que certeza se pode entender por Vós o que se passa entre Deus e a Esposa tal como o dizem os Cânticos! E assim podeis ver, filhas, no Ofício de Nossa Senhora que rezamos todas as semanas, o muito que há deles em antífonas e lições.<sup>124</sup>

Esta Senhora que amou a Jesus mais que os próprios apóstolos o amaram<sup>125</sup> é inspiração para a consagrada que se coloca no caminho de amor a Cristo, que intenta, pela ação do Espírito Santo, gerá-Lo em seu coração, dedicando-Lhe toda a sua existência, dando-Lhe toda a sua vida, não mais vivendo por si mas unicamente por Ele, para Ele e nele. Tal meta é impossível às forças pessoais da Filha do Divino Zelo, mas, conforme nos revela o anjo na anunciação do Senhor, “para Deus nada é impossível”. No exemplo de Maria compreendemos que a humildade é a virtude que depõe a mulher consagrada aos pés do Senhor em permanente súplica pela graça de poder amar e amar com o Amor de seu Divino Coração, um amor indiviso, que não se perde no egoísmo e tão pouco na necessidade de posse ou domínio, mas que se dá ao Senhor para estar com Ele onde Ele estiver, ou seja, nos “Calvários” de todos os tempos, carregando a Cruz da messe abandonada e sofrida, carregando a Cruz dos que estão como ovelhas sem pastor no campo do mundo, que talvez já nem percebam a distância que tomam de Deus por suas escolhas e por seus pecados. Servir é uma palavra forte no léxico teresiano, que encontra em Maria inspiração e ao mesmo tempo socorro:

<sup>122</sup> Cf. DI FRANCIA, A. M., Scritti. Preghiere alla Madonna, v. 3, p. 88.

<sup>123</sup> Cf. ÁLVAREZ-SUÁREZ, A., Santa Teresa d'Ávila: una vita all'insegna della Vergine Maria, p. 192.

<sup>124</sup> SANTA TERESA, Conceitos do Amor de Deus, 6,8.

<sup>125</sup> Cf. Id., Livro da Vida, 22,1; Id., Castelo Interior ou Moradas, 6,8,14.

“Entendi ter muita obrigação de servir a Nossa Senhora e a São José, porque muitas vezes, estando eu totalmente perdida, Deus voltava a me dar saúde graças aos seus rogos”.<sup>126</sup>

A Virgem está indissolivelmente ligada a Cristo, portanto, fazer a experiência mística cristocêntrica quer dizer fazer a experiência mística mariana. Também, todo o discurso mariológico fundamentado na Sagrada Escritura, nos Padres da Igreja, nos documentos do Magistério, nos santos e santas, levam ao discurso cristológico e eclesiológico, como vemos no oitavo capítulo da *Lumen gentium*, intitulado “A Bem-Aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no Mistério de Cristo e da Igreja”:

A Igreja, meditando piedosamente na Virgem, e contemplando-a à luz do Verbo feito homem, penetra mais profundamente, cheia de respeito, no insondável mistério da Encarnação, e mais e mais se conforma com o seu Esposo. Pois Maria, que entrou intimamente na história da salvação, e, por assim dizer, reúne em si e reflete os imperativos mais altos da nossa fé, ao ser exaltada e venerada, atrai os fiéis ao Filho, ao Seu sacrifício e ao amor do Pai.<sup>127</sup>

Maria está presente na vida da Igreja e maternalmente atrai todos os seus filhos e filhas para o Filho Jesus. Acompanhou santa Teresa e santo Aníbal no caminho de conformação a Cristo e é para a Filha do Divino Zelo modelo de mulher, de maternidade<sup>128</sup> e de consagração. Revestida de glória é a Senhora que traz sob seu manto todas as suas filhas<sup>129</sup> e as educa para a humildade, o amor, o serviço, enfim, para a conformação a Cristo. Com Maria a consagrada Filha do Divino Zelo aprende o dom da maternidade espiritual.

#### 8.2.4

#### **A maternidade espiritual segundo Maria, Mãe da Igreja**

Com Maria a Filha do Divino Zelo pode aprender a renunciar a sua própria vontade para aderir à de Deus, que é a única capaz de realizar o ser humano em sua vocação de tornar-se dom para o outro. Foi assim que santa Teresa de Jesus prosseguiu na missão assumida. Percorrendo suas fundações, perceberemos que confiava a Maria as obras iniciadas, bem como reconheciam nela a Mãe, Senhora

<sup>126</sup> SANTA TERESA, *As Relações*, 30.

<sup>127</sup> CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Dogmática, Lumen Gentium*, 65.

<sup>128</sup> Cf. JOÃO PAULO II, PAPA, *Encíclica Redemptoris Mater*, 38-50.

<sup>129</sup> Cf. SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 36,24.

e Patrona. No livro das *Fundações*, santa Teresa faz frequentes alusões à Virgem e ao seu serviço:

[...] escrevi uma carta a Padre Geral, suplicando-lhe da melhor maneira que pude. Expliquei as razões por que isso iria contribuir para a glória de Deus, mostrei-lhe que os prováveis inconvenientes não eram motivo suficiente para o abandono de um empreendimento tão santo e expliquei o quanto isso seria serviço de Nossa Senhora, de quem ele era devoto.<sup>130</sup>

Assim considera suas fundações: “[...] pombaizinhos da Virgem Nossa Senhora [...]”.<sup>131</sup> E referindo-se à primeira fundação dos freis de Duruelo, escreveu: “Se dizemos que esses são os princípios da renovação da regra da Virgem Sua Mãe, Senhora e Padroeira Nossa, não a ofendamos, nem aos santos padres nossos antepassados, deixando de nos conformar a elas”.<sup>132</sup> Desta maneira encorajava as suas monjas: “Queira Nosso Senhor, irmãs, que levemos a vida como verdadeiras filhas da Virgem e respeitemos nossa profissão para que Nosso Senhor nos faça a graça que nos prometeu”.<sup>133</sup> No final de *Fundações*, olhando para o que fizera, Madre Teresa contempla tudo como um serviço à Virgem e como uma obra com a qual a própria Rainha do Carmelo colaborou e afirma: “[...] ficamos alegres por poder servir em algo à Nossa Mãe, Senhora e Padroeira. [...] aos poucos vão fazendo-se coisas em honra e glória desta gloriosa Virgem e do Seu Filho”.<sup>134</sup> E mais: “[...] o Senhor levou a termo uma questão de tal relevância para a honra e a glória de Sua Gloriosa Mãe, pois esta é a Sua Ordem, como Senhora e Padroeira nossa que é”.<sup>135</sup>

A missão confiada à Filha do Divino Zelo, dentre as quais, neste momento, destacamos a das superiores das comunidades, por Constituição consideradas como vigárias da Virgem Maria, consiste em submeter ao seu patrocínio toda e qualquer iniciativa material ou espiritual. Enfatizamos nesta missão a maternidade espiritual que precisa ser desenvolvida junto aos que lhes são confiados, assumindo o modelo mariano do serviço e da fraternidade, que tudo oferece em ato de amor ao Senhor, como indicativos para a própria missão:

<sup>130</sup> SANTA TERESA, *Fundações*, 2,5.

<sup>131</sup> *Ibid.*, 4,5.

<sup>132</sup> *Ibid.*, 14,5.

<sup>133</sup> *Ibid.*, 16,7.

<sup>134</sup> *Ibid.*, 29,23.28.

<sup>135</sup> *Ibid.*, 29,31.

Cada Superiora das Casas das Filhas do Divino Zelo do Coração de Jesus, considerará à luz da fé de quem é representante, isto é, da Santíssima Virgem, seja na qualidade de Vigária ou de Vice Vigária. Se compenetrará bem desta verdade, refletindo-a com profunda humildade e humilhação do coração, diariamente, na oração, nos diálogos interiores com Nosso Senhor.<sup>136</sup>

O exercício da autoridade encontra em Maria um modelo de serviço humilde e conformado a Cristo. Assim como Maria foi ao encontro de Isabel e com ela permaneceu até o nascimento de João Batista<sup>137</sup>, a Filha do Divino Zelo que exerce o ministério da autoridade se colocará a serviço de todas e, todos os atos do seu governo, devem ser oferecidos ao Senhor como serviços realizados em seu Nome e em nome da Santíssima Virgem.<sup>138</sup> No amor devotado a Maria temos uma base para o amor recíproco, como sugere o seguinte texto de santa Teresa: “Assim, pois, minhas filhas, todas o são da Virgem, e irmãs entre si, procurem amar-se muito umas às outras [...]”.<sup>139</sup> A verdadeira autoridade se manifesta em atos de amor que se fundamentam no amor recebido. Somente quem fez a experiência da intimidade com o Senhor, que encontra nele sua realização, pode abrir mão de suas inseguranças e medos para dizer “*fiat*” à missão recebida, amando de maneira humildade e desapegada, não retendo para si a vida dos que lhes são confiados. Quando a Filha do Divino Zelo se espelha no serviço humilde de Maria, ela faz-se “escrava do Senhor”, serve dos irmãos e irmãs, e, gradativamente, vai tornando-se uma mulher livre, capaz de combater a esterilidade do desamor e dos apegos a si mesma por meio da maternidade espiritual que gera filhos e filhas para o Divino Esposo.

Não apenas no exercício da autoridade, mas cada Filha do Divino Zelo, como filha da Igreja, é chamada a aprender com Maria o caminho do discipulado, a fazer-se discípula missionária do Senhor da messe e a assumir em toda a sua existência a maternidade espiritual em favor de toda a humanidade. A consagrada Filha do Divino Zelo torna-se mãe espiritual da messe abandonada quando guarda com fidelidade em seu coração a palavra e permite que essa configure todo o seu ser, a exemplo de Maria, tornando-a, pela graça, boa operária a colaborar com o plano salvífico de Deus. Nas palavras de Paulo vemos que a Igreja primitiva carrega consigo a consciência de sua função maternal, ligada ao serviço apostólico

<sup>136</sup> DI FRANCIA, Scritti. Regolamenti (1914-1927), v. 6, p. 439. [TN].

<sup>137</sup> Cf. Lc 1,39-56.

<sup>138</sup> Cf. DI FRANCIA, A. M., op. cit., p. 439.

<sup>139</sup> SANTA TERESA, Cartas, 312.

entre os homens: “Meus filhinhos, por quem sofro novamente as dores de parto, até que Cristo não se tenha formado em vós”.<sup>140</sup> A Igreja aprende com Maria o que é a própria maternidade<sup>141</sup> e, da mesma forma, cada Filha do Divino Zelo, inspirada em Maria, abre-se para acolher a graça de Deus e tornar-se mãe espiritual da messe que lhe é confiada, zelando pelo mandamento do Rogate através de uma vida de intensa intimidade com o Senhor e de entrega total ao próximo.

A espiritualidade teresiana nos transmite uma imagem mariana evangélica. Fala de Maria que serve a Igreja e se mantém junto dessa como em Pentecostes. Madre Teresa destaca em seus escritos expressões como “gloriosa”, “dolorosa” e “corredentora”, “associada a Igreja como em Pentecostes”, “presente em meio a nós”. Para a santa, Maria é aquela que serve pelo ministério da escuta, é a Virgem do Silêncio, podemos dizer que, a Senhora que mantém o coração unido ao de seu Filho em perfeito diálogo e comunhão de sentimentos e atos.<sup>142</sup> Assim, a Filha do Divino Zelo encontra em Maria um grande suporte e modelo para sua missão de “mãe espiritual” que gera em seu coração fecundado pelo Espírito Santo filhos e filhas espirituais que também farão comunhão com o Senhor ao ouvirem seu chamado e derem seu “sim” para a missão recebida. A escuta é um ato de amor que a Filha do Divino Zelo pode oferecer à humanidade de todos os tempos e lugares. O coração humano anseia por encontrar um outro coração que seja capaz de “sair de si” para acolher o que chega, na postura misericordiosa do Divino Esposo, sem julgamentos ou condenações, mas imbuído de uma maternidade que dá de si para que o outro se realize.

A Filha do Divino Zelo é convidada a manter viva a chama do amor e devoção à Virgem Maria para com seu auxílio chegar a uma intimidade sempre maior a Cristo, cantando as glórias do Senhor em sua vida e fazendo-se, como Maria<sup>143</sup>, mãe espiritual da messe de todos os tempos. Enfim, as virtudes marianas

---

<sup>140</sup> Gl 4,19.

<sup>141</sup> Cf. JOÃO PAULO II, PAPA, Carta encíclica, *Redemptoris Mater*, n. 43.

<sup>142</sup> Cf. ÁLVAREZ-SUÁREZ, A., *Santa Teresa d'Ávila: una vita all'insegna della Vergine Maria*, p. 190.

<sup>143</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Dogmática, Lumen Gentium*, 61: “A Virgem Santíssima, predestinada para Mãe de Deus desde toda a eternidade simultaneamente com a encarnação do Verbo, por disposição da divina Providência foi na terra a nobre Mãe do divino Redentor, a Sua mais generosa cooperadora e a escrava humilde do Senhor. Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na Cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do

exortam a Filha do Divino Zelo à: “[...] trabalhar por vencer o pecado e crescer na santidade; e por isso levantam os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a família dos eleitos”.<sup>144</sup> Procurando a glória de Cristo, a Filha do Divino Zelo busca tornar-se semelhante àquela que é sua figura mais sublime, progredindo na fé, na esperança e na caridade, buscando em tudo fazer a vontade de Deus. A Virgem deu exemplo do afeto maternal, o qual anima a Filha do Divino Zelo na vocação de cooperar com a missão apostólica que a Igreja tem de regenerar os homens.<sup>145</sup>

Prossigamos contemplando na eucaristia os meios que a Filha do Divino Zelo tem para seu caminho de conformação a Cristo.

### **8.3.**

#### **A vida eucarística da Filha do Divino Zelo: conformadas a Cristo e doadas à messe**

##### **8.3.1.**

#### **Tornar-se “mulher eucarística” a partir da intimidade com a Sagrada Humanidade de Cristo presente na eucaristia**

Concluiremos nossa pesquisa retomando o tema da eucaristia que, como vimos, é tão caro a santo Aníbal Maria e a santa Teresa de Jesus. Cada um, à sua maneira, segundo as influências da espiritualidade do período histórico correspondente, encontraram na eucaristia a força necessária para prosseguirem na missão recebida, fazendo da própria vida “pão partilhado” para saciar a fome da humanidade. Saciaram e saciam a fome de homens e mulheres ao longo da história porque deixaram-se configurar por Cristo, vendo todo o seu ser se tornar templo santo do Senhor:

Recebamos, pois, com toda a convicção, o Corpo e o Sangue de Cristo. Porque sob a forma de pão é o corpo que te é dado, e sob a forma de vinho, é o sangue que te é entregue. Assim, ao receberes o corpo e o sangue de Cristo, te transformas com ele num só corpo e num só sangue. Deste modo, tendo assimilado em nossos membros o seu corpo e o seu sangue, tornamo-nos portadores de Cristo.<sup>146</sup>

---

Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça”.

<sup>144</sup> CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática, Lumen Gentium, 65.

<sup>145</sup> Cf. Ibid., 65.

<sup>146</sup> DAS CATEQUESES DE JERUSALÉM, Catequese: pão celeste e cálice da salvação, 340.

Santo Aníbal Maria recebeu a inspiração carismática diante da eucaristia, antes de deparar-se com a passagem evangélica referente ao Rogate. No progredir da história vimos que o Instituto das Filhas do Divino Zelo nasceu da eucaristia, sendo Jesus Sacramentado o verdadeiro e imediato fundador das obras do Padre Di Francia. A contemplação da eucaristia, “fonte e ápice da vida cristã”<sup>147</sup>, como meio de encontro com a Sagrada Humanidade de Cristo e conformação a esta, é uma especial iluminação na vida espiritual da Filha do Divino Zelo. Cristo é o princípio e o fim da ação da Filha do Divino Zelo e da Igreja.

Hoje, em comunhão com o Concílio Vaticano II, afirmamos que a liturgia e Cristo são inseparáveis, que a grandeza da vivência litúrgica reside em que Cristo está sempre presente em sua Igreja sobretudo na ação litúrgica, no sacrifício da missa, no sacerdote, oferente principal, no povo que é investido de um sacerdócio real, na Palavra que se proclama, na comunhão eucarística. Logo a liturgia é “obra de Cristo Sacerdote e de seu Corpo, que é a Igreja”.<sup>148</sup> “A Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força”.<sup>149</sup>

Essa consciência litúrgica nos serve como ponte de união com a piedade de santa Teresa de Jesus. A santa de Ávila nos ajuda a viver o mistério da piedade pelo viés da experiência, da intuição e do enamoramento. Isso vemos, em especial, na maneira como viveu a piedade eucarística, expressão do realismo da piedade cristã e também de sua essencialidade.<sup>150</sup> A espiritualidade eucarística teresiana ajuda a Filha do Divino Zelo a aprofundar sempre mais sua liberdade a partir da Humanidade de Cristo. Como vimos, a piedade eucarística de santa Teresa está fundada em seu enamoramento por Cristo-Homem, por sua Sagrada Humanidade.

Para santa Teresa, contemplar a eucaristia é contemplar o Cristo histórico, que é Deus e também Homem, o Cristo que nos apresenta os Evangelhos. Na eucaristia podemos contemplar sua Sagrada Humanidade, suas palavras, seus gestos concretos, sua maneira real de amar e perdoar, sua entrega permanente de vida até a consumação na Cruz. Seu testemunho incentiva a Filha do Divino Zelo a enamorar-se deste Senhor que vem adorado nos sacrários do mundo inteiro, a

<sup>147</sup> CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática, Lumen Gentium, 11.

<sup>148</sup> Id., Constituição Dogmática, Sacrosanctum Concilium, 7.

<sup>149</sup> Ibid., 10.

<sup>150</sup> Cf. MAROTO, D. P., Espiritualidad eucarística según Santa Teresa de Jesús, p. 321-322.

alimentar-se do amor que transforma a vida e faz do amor a única alternativa de resposta.<sup>151</sup> Partindo de seus fundamentos espirituais-carismáticos e iluminadas pela doutrina teresiana, a Filha do Divino Zelo vai compreendendo gradativamente que somente a Ele é possível entregar o coração, que somente “em Cristo, por Cristo, com Cristo” pode fazer a oferta de toda a vida ao Pai, como antecipação da eternidade: “É por Cristo que temos acesso ao Pai, como ele próprio afirma: ninguém pode ir ao Pai senão por ele”.<sup>152</sup> Esta entrega constitui a formação de um caráter eucarístico na consagrada. É Cristo quem a torna uma “mulher eucarística” doada pela salvação da humanidade.

Santa Teresa combateu os ditos “espirituais” de seu tempo, refutou a ideia de uma alta contemplação mística que deixasse de lado a Sagrada Humanidade de Cristo. Muitos cristãos, inclusive religiosos e religiosas, nos tempos atuais consideram os escritos teresianos algo de difícil acesso aos “pobres mortais”, como se a santa mística conduzisse a um caminho impossível ou destinado a poucos. No entanto, percorrendo sua vida, vemos que se trata de um caminho de intimidade com o Senhor, onde a pessoa é toda transformada e direcionada à conformação a Cristo, sustentada pela contemplação, pelo diálogo, por estar na presença da Sagrada Humanidade que inspira a vida do orante, que gera a Filha do Divino Zelo como “mulher eucarística” na semelhança do Mestre.

Partindo de santa Teresa não podemos crer que a espiritualidade eucarística seja autêntica quando tira dos orantes a possibilidade de estar em contato com o Senhor em sua divindade e também em sua humanidade, revelada em suas palavras, gestos, sentimentos e ensinamentos. A eucaristia alimenta nos corações que a celebram a memória de toda a vida do Senhor e coloca a todos que a circundam em unidade com toda Igreja Militante, Padecente e Triunfante, num canto de louvor e ação de graças à Santíssima Trindade que habita o coração da humanidade e que a todos une no Corpo Místico de Cristo. É a vida de Cristo quem transforma a consagrada em uma “nova mulher”, livre de suas amarras, pronta para amar segundo a liberdade conquistada no Divino Esposo.

A Filha do Divino Zelo é convidada a adorar e comungar o Cristo misericordioso e compassivo que passou por este mundo fazendo o bem, amando

<sup>151</sup> Cf. MAROTO, D. P., *Espiritualidad eucarística según Santa Teresa de Jesús*, p. 323.

<sup>152</sup> SÃO CIRILO DE ALEXANDRIA, *Dos Comentários sobre a Segunda Carta aos Coríntios: Deus nos reconciliou pelo Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação*, p. 430.

e conduzindo ao Pai toda a humanidade. Com santa Teresa a Filha do Divino Zelo ilumina sua experiência junto ao Cristo-Homem, sabendo que o encontro com Ele na eucaristia sempre será o encontro com o Senhor que se sacrifica por amor e ao mesmo tempo sempre será um encontro pascal, como Ele proporcionou aos discípulos depois da Ressurreição. Com santa Teresa a Filha do Divino Zelo é convidada a afirmar:

Depois de contemplar a grande beleza do Senhor, nunca mais vi alguém que, comparado a Ele, me parecesse formoso ou me ocupasse o espírito. Bastava-me voltar um pouco os olhos para a imagem que guardo na alma para adquirir uma liberdade que, desde então, me faz ter asco de tudo o que vejo; porque nada faz par com as excelências e graças que vi no Senhor.<sup>153</sup>

O coração de santa Teresa encontrava-se livre para amar. Cristo era seu modelo de amor, de amante, de amado. É sobre esta “pedra fundamental” que ela constrói o edifício de sua vida espiritual e apostólica, é a partir da Sagrada Humanidade de Cristo que recebe os presentes que Deus lhe concede<sup>154</sup> e é tendo-O como guia que não perderemos o caminho.<sup>155</sup> Se abandonamos a memória de Cristo-Homem perderemos também a piedade e a devoção à eucaristia.<sup>156</sup> Cristo-Homem se faz companheiro na eucaristia.<sup>157</sup> Com santa Teresa a Filha do Divino Zelo pode afirmar: “Só podia pensar em Cristo como Homem”<sup>158</sup>, pois é com este Cristo, Deus feito carne, que se pode dialogar, encontrar-se intimamente, ouvir os apelos de seu Santo Coração e compartilhar sua compaixão diante da messe abandonada.

Compreender a dimensão do encontro, tão utilizado hoje na teologia para explicar a realidade religiosa, é um ponto relevante na espiritualidade eucarística de santa Teresa e que muito pode colaborar com o caminho espiritual-carismático da Filha do Divino Zelo. Partindo desta realidade, a santa doutora mística nos ajuda a perceber que a fé precisa ser vivida como uma entrega total à pessoa por quem se está enamorado, isto é, a alguém real e presente. Por isso, entendeu a oração como um trato de amizade, na qual o afetivo predomina e o enamoramento

<sup>153</sup> SANTA TERESA, Livro da Vida, 37,4.

<sup>154</sup> Cf. Ibid., 22,6.

<sup>155</sup> Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 6,7,6.

<sup>156</sup> Cf. Ibid., 6,7,14.

<sup>157</sup> Cf. Id., Livro da Vida, 22,6.

<sup>158</sup> Cf. Ibid., 9,6.

explica a busca frequente e individual, como disse a santa Madre, “*muchas veces*” e “*a solas*”.

Para santa Teresa a Encarnação de Cristo se perpetua através da presença real do Senhor na eucaristia, local de encontro entre “dois amigos”, onde Deus continua doando sua paz e amizade à humanidade e esta, por sua vez, acolhe os dons de Deus e faz-se doação junto ao Senhor. Santa Teresa se aproximou de Deus e o experimentou de muitas maneiras nos fenômenos místicos, sobretudo nas visões. Podemos dizer que santa Teresa viu a Deus, porém, o viu através de Cristo, mediante sua Humanidade. Ela experimentou Deus que se revela em Cristo. Sempre O tem ao seu lado, sempre é Cristo vivo, Ressuscitado, mesmo que o contemple na Cruz, na eucaristia ou em sua majestade. No entanto, as visões cristológicas de santa Teresa, ainda que gozem da certeza da fé<sup>159</sup>, não são uma visão ocular. A única presença real é a eucaristia: “[...] entendi que, depois que subiu aos céus, nunca baixou à terra, a não ser no Santíssimo Sacramento, para comunicar-Se com alguém”.<sup>160</sup>

A certeza da presença aumenta em conexão com a celebração da eucaristia: “Ele vem por vezes com tanta majestade que não há quem possa duvidar de que se trata do próprio Senhor, em especial quando acabamos de comungar, pois já sabemos que está ali, visto que a fé assim nos diz”.<sup>161</sup> A presença de Cristo na eucaristia é tão real quanto sua presença histórica na terra. É uma afirmação de fé e de amor que ultrapassa os séculos e as separações geográficas. Para uma alma enamorada da presença real como é santa Teresa, seria uma insensatez simplesmente desejar ter vivido nos tempos de Cristo, pois tão real existe hoje em todos os sacrários da terra como em sua vida histórica<sup>162</sup>:

[...] quando ouvia algumas pessoas dizendo que desejavam ter vivido no tempo em que Cristo, nosso Bem, habitava o mundo, ria de si para si por lhe parecer que, estando Ele presente tão verdadeiramente no Santíssimo Sacramento como naquela época, que mais se poderia querer?<sup>163</sup>

A presença real de Cristo no sacramento da eucaristia é capaz de gerar mulheres eucarísticas que, com Ele, se tornem alimento para a humanidade.

<sup>159</sup> Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 28,8.

<sup>160</sup> Id., As Relações, 15,6.

<sup>161</sup> Id., Livro da Vida, 28,8.

<sup>162</sup> Cf. MAROTO, D. P., Espiritualidad eucarística según Santa Teresa de Jesús, p. 330.

<sup>163</sup> SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 34,6.

### 8.3.2.

#### O testemunho da “mulher eucarística” plasmada em Cristo

Tendo na eucaristia Cristo em sua humanidade e divindade, sabemos que ela é dinâmica e eficaz. No entanto, o homem necessita da proximidade de Deus e por isso, santa Teresa ao comentar o Pai Nosso, dirá que o pão que pedimos é o próprio Cristo do qual necessitamos para cumprir a vontade do Pai, que para a Filha do Divino Zelo consiste, principalmente, em levar adiante o mandamento do Rogate. Ele é o alimento para nossa debilidade, o que necessitamos para realizar o projeto de santidade de Deus. Realizar este projeto de santidade nos é impossível sem a ajuda de Deus, aquela ajuda que Ele oferece em Cristo, pão e alimento para o caminho.<sup>164</sup> Santa Teresa nos apresenta algumas razões que teve Cristo para vir ficar conosco. Dirá que Ele vem para nos ajudar, animar e sustentar a fazer a vontade de Deus em nossas vidas<sup>165</sup>; para despertarmos diariamente de nossas baixas inclinações e do pouco amor e ânimo que temos<sup>166</sup>; Ele estará conosco até o fim da história, estará sempre conosco para a maior glória de seus amigos e derrota de seus inimigos:

Pedi ao Pai, filhas, como este Senhor, que vos deixe “hoje” o vosso Esposo, que não vos vejais neste mundo sem Ele. Basta, para reduzir tão grande contentamento, que Ele fique disfarçado sob os acidentes de pão e vinho, o que é grande tormento para quem não tem outra coisa para amar nem outro consolo. Mas suplicai-Lhe que não vos falte e vos dê a disposição para recebê-Lo dignamente.<sup>167</sup>

Santa Teresa era verdadeiramente apaixonada pela eucaristia. Trata-se de uma forma de expressar seu enamoramento ao Cristo Salvador, a ânsia por intimidade que traz no coração:

Acometem-me por vezes uns anseios tão grandes de comungar que nem sei explicar. Certa manhã em que chovia muito, parecendo que o tempo não era bom para sair, estando eu fora do meu mosteiro, estava tão tomada por aquele ímpeto que, se apontassem lanças para o meu peito, creio que me atiraria contra elas, quanto mais contra a água.<sup>168</sup>

<sup>164</sup> Cf. MAROTO, D. P., *Espiritualidad eucarística según Santa Teresa de Jesús*, p. 330.

<sup>165</sup> Cf. SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 34,1.

<sup>166</sup> Cf. *Ibid.*, 33,2.

<sup>167</sup> *Ibid.*, 34,3.

<sup>168</sup> *Id.*, *Livro da Vida*, 39,22.

Santa Teresa nos fala de três tipos de comungantes: os que comungam em pecado mortal<sup>169</sup>, os que comungam para cumprir normas<sup>170</sup> e os que comungam apaixonados, com fé viva, a quem Cristo encontra como seus enamorados:

[...] Ele se revela aos que percebe que vão aproveitar a Sua presença; mesmo que não O vejam com os olhos do corpo, Ele tem muitas maneiras de mostrar-se à alma: grandes sentimentos interiores e diversas vias. Mantende-vos com Ele de boa vontade; não percais uma ocasião tão boa de negociar quanto a que sucede à comunhão.<sup>171</sup>

A própria santa nos ajuda a averiguar quais as melhores disposições para a comunhão eucarística:

[...] quando comungava, tentava reforçar a fé, agindo como se visse com os olhos corporais o Senhor entrar em sua casa; [...] desimpedida o pensamento de todas as coisas exteriores, no limite de suas possibilidades, e entrava junto com Ele. Procurava recolher os sentidos para que estes compreendessem que grande bem recebiam, quer dizer, para que não atrapalhassem a alma quando esta buscava conhecê-Lo. Ela se imaginava aos pés do Senhor e chorava como Madalena, como se O visse com os olhos do corpo na casa do fariseu; porque, embora não sentisse devoção, tinha pela fé a impressão de que Ele de fato estava presente na sua alma. [...] Sua Majestade não costuma pagar mal a hospedagem quando encontra boa acolhida.<sup>172</sup>

Cristo presente na eucaristia é o sinal visível da benevolência de Deus, expressão de sua misericórdia, que sustenta no caminho de conversão. A eucaristia convida à permanente luta contra os escrúpulos, contra o distanciar-se de Deus por ver-se indigno, ajudando a purificar os falsos conceitos de humildade e de indignidade. O sentimento de culpa não pode separar o cristão de seu Deus, mas deve fazê-lo correr em direção desse Deus das misericórdias revelado por Jesus Cristo. A verdadeira humildade está em aceitar suas responsabilidades frente aos pecados cometidos sem abandonar a Deus por conta de tais pecados. Acima da miséria humana está a misericórdia de Deus.

Sabemos que santa Teresa precisou utilizar alguns recursos como a leitura para seus tempos de oração, no entanto, quando comungava nada lhe era necessário<sup>173</sup>, tinha presente o Amado que a tomava por inteiro, não tinha dispersão sensorial, imaginativa ou intelectual que a tirasse desse profundo

<sup>169</sup> Cf. SANTA TERESA, Conceitos do Amor de Deus, 1,12.

<sup>170</sup> Cf. Ibid., 3,13.

<sup>171</sup> Id., Caminho de Perfeição, 34,10.

<sup>172</sup> Ibid., 34,7-8.

<sup>173</sup> Cf. Id., Livro da Vida, 4,9.

encontro. Todo seu ser permanece orientado para Cristo que realmente está presente na eucaristia.<sup>174</sup>

A iluminação que vem da espiritualidade teresiana para a Filha do Divino Zelo não constrange em nada a herança espiritual-carismática deixada por santo Aníbal Maria. A vida de santa Teresa está plena de devoções ao Santíssimo Sacramento, todas carregadas de sensibilidade e de amor, nascidas de uma profunda fé na presença real de Cristo. O Sacrário foi seu confidente nos tempos de dúvidas, de dificuldades pessoais ou fundacionais. O amor à eucaristia explica outras devoções e cuidados de seu dia a dia, que também fortalecem a vida da Filha do Divino Zelo, como por exemplo, com o que está relacionado ao culto, não propriamente pela estética do rito, ou seu amor à cerimônia, mas sempre por seu apaixonado amor a Jesus Cristo presente no sacramento. Esse amor a fazia cuidar com esmero dos locais de celebração, das vestes, das alfaias e dos objetos litúrgicos em geral.

Um outro aspecto importante para a Filha do Divino Zelo é a reverência e oração pelos sacerdotes. Santa Teresa reverenciava os sacerdotes mesmo sabendo de suas fraquezas. Era consciente de que a validade dos sacramentos não dependia da dignidade dos padres.<sup>175</sup> Os assumiu como filhos espirituais, os considerou merecedores da oração carmelita e da entrega de suas vidas, para que santificados pudessem servir com amor ao Corpo Místico de Cristo, colaborando com a salvação das pessoas que lhes são confiadas pelo exercício do ministério. Aqui vemos reforçada a missão rogacionista da Filha do Divino Zelo, de cuidar dos operários que estão em meio à messe, fazendo-se mãe espiritual dos sacerdotes e dos que se preparam para o sacerdócio, assumindo o compromisso da oração, da misericórdia e do apostolado junto àqueles que na Igreja presidem os sacramentos. A exemplo de santa Teresa, a Filha do Divino Zelo pode tornar-se uma referência feminina, materna e sororal, na vida daqueles que servem ao Senhor pelo ministério ordenado, ajudando-os a crescer sempre mais em seu caminho de integração humana-espiritual, para o bem de todo o povo de Deus.<sup>176</sup>

No contexto da Reforma, santa Teresa dedicou-se a cuidar com empenho da eucaristia. Sabia que, naquele tempo histórico, eram mortos os sacerdotes,

<sup>174</sup> Cf. MAROTO, D. P., *Espiritualidad eucarística según Santa Teresa de Jesús*, p. 334.

<sup>175</sup> Cf. *Ibid.*, p. 335.

<sup>176</sup> Sobre esta temática sugerimos: CONGREGATIO PRO CLERICIS. *Adoração eucarística pela santificação dos sacerdotes e maternidade espiritual*. Roma: Congregação para o clero, 2007.

destruídas as igrejas e os sacrários, e isso inflamou ainda mais na santa de Ávila o amor à eucaristia, fazendo com que suas fundações fossem todas permeadas por esse espírito. Vimos que, por onde passava, empenhava-se em abrir não apenas os conventos, mas igrejas, colocar sacrários, cuidar de Jesus Sacramentado: “[...] é para mim um grandíssimo consolo ver uma igreja mais onde esteja o Santíssimo Sacramento”.<sup>177</sup> Para ela o sacrário era a primeira coisa que pensava para a fundação: “[...] pensava que, sem o pôr, não tomava posse [...]”.<sup>178</sup> Mesmo que a regra lhe permitisse não o ter de imediato, sua ausência lhe trazia um vazio indizível, como o de alguém que participa de um casamento e não encontra o noivo. Ela, e podemos dizer, as Filhas do Divino Zelo, necessitam de Cristo realmente presente na comunidade, no sacrário, podendo considerar o restante como secundário. Falando da fundação de Salamanca dirá: “[...] o pior de tudo era a ausência do Santíssimo Sacramento, o que [...] é um grande desconolo”.<sup>179</sup>

Seu testemunho ilumina a vida espiritual da Filha do Divino Zelo, indica-lhe a centralidade de Cristo na vida de oração, na vida comunitária, na vida apostólica e em todas as atividades cotidianas. Intensificar a prática da adoração eucarística, principalmente feita individual e diariamente, é um caminho para que a Filha do Divino Zelo avive sua intimidade com o Senhor verdadeiramente presente no Santíssimo Sacramento. É uma oportunidade de encontro a sós com o Esposo que fala ao coração da esposa sobre seus sentimentos, seus projetos, seu anseio de união plena com aquele que escolheu para trilhar seu caminho, para viver da verdade e resplandecer sua vida. A adoração eucarística pode ser um meio eficaz para que a Filha do Divino Zelo cresça na amizade com o Senhor e gradativamente vá sendo configurada a Ele, reconhecendo ser templo da Santíssima Trindade, convidada a fazer-se alimento para dar vida à humanidade.

Vejam agora um dos âmbitos de especial missão para a Filha do Divino Zelo: a comunidade fraterna.

---

<sup>177</sup> SANTA TERESA, *Fundações*, 3,10.

<sup>178</sup> *Ibid.*, 19,3.

<sup>179</sup> *Ibid.*, 19,6.

### 8.3.3. “Mulheres eucarísticas” na vida comunitária

Neste tópico de nossa pesquisa, continuaremos o tema da espiritualidade eucarística em santa Teresa de Jesus, dando especial atenção a seu caráter comunitário. Conforme nos diz o Concílio Vaticano II:

Não se edifica no entanto nenhuma comunidade cristã, se ela não tiver por raiz e centro a celebração da Santíssima eucaristia: por ela, há de iniciar-se por isso toda educação do espírito comunitário. Para esta celebração no entanto realizar-se de maneira sincera e plena, deve constituir-se da mesma forma em canal para as múltiplas obras de caridade e auxílio mútuo, para a ação missionária, como ainda para as várias formas de testemunho cristão.<sup>180</sup>

Vimos que santa Teresa, ao fundar seus mosteiros<sup>181</sup>, mantinha um especial cuidado com a igreja, com o sacrário, com a presença de Jesus Eucarístico junto às suas monjas e às cidades onde se instalavam as carmelitas. Sabemos que tudo se deu dentro de um contexto no qual a Reforma incidia diretamente em suas atitudes, mas principalmente porque tinha a necessidade de estar a sós muitas vezes com o Senhor do qual era enamorada. Foi esse o testemunho de vida que deu para suas monjas e que expressou através de seus escritos. Extraímos de sua vida espiritual um novo impulso para a Filha do Divino Zelo: tornar-se uma “mulher eucarística” na vida comunitária.

Em vários momentos de nossa pesquisa apresentamos a importância e a necessidade de que a caridade possa pautar a vida daquela que vive em intimidade com o Senhor. Caridade que é a resposta amorosa de quem experimenta em profundidade o amor misericordioso de Deus na própria vida e que na maioria das vezes é praticada no apostolado. Aqui queremos enfatizar um amor que precede aquele manifesto para fora dos muros dos mosteiros e conventos, que foi estimulado por Teresa e perdura por todos os tempos: o amor fraterno, vivenciado na comunidade religiosa, fruto da vida feita comunhão para alimentar o próximo mais próximo, aquele que caminha diariamente ao nosso lado.

<sup>180</sup> CONCILIO VATICANO II, Decreto, Presbyterorum Ordinis, 6.

<sup>181</sup> Sobre a vida comunitária teresiana a partir de suas fundações recomendamos: HERRANZ, G. J. “La manera de vivir” (F 2,3): carisma teresiano y estilo de hermandad a través de las Fundaciones, In: FERMÍN, F. J. S.; LONDONÓ, R. C. (dirs.), El libro de las Fundaciones de Santa Teresa de Jesús, Actas del Congreso Mundial Teresiano en el V Centenario de su nacimiento (1515-2015), v. 4, Universidad de la Mística, Ávila, 21-27 septiembre 2015, Burgos, Monte Carmelo, CITEs, 2013, p. 289-309.

Foi o próprio Cristo quem definiu a plenitude do amor com que devemos amar-nos uns aos outros. Ele disse: “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá sua vida pelos amigos”.<sup>182</sup> Cristo deu a vida por seus amigos, logo, se caminhamos em crescente conformação a Ele, também nós precisamos dar a vida por nossos irmãos<sup>183</sup>, amando-nos verdadeiramente como Ele nos amou. Quando participamos do banquete do Senhor e somos servidos por seu Corpo e Sangue, somos chamados a nos aproximar com humildade, reconhecer o manjar que nos alimenta, tomar consciência da graça que recebemos e dispor o coração para assumir a missão compartilhada com o Esposo pelo batismo e pela consagração religiosa.<sup>184</sup> São Fulgêncio nos diz que a mesma graça que faz da Igreja o Corpo de Cristo, faz com que todos os membros, unidos pelos laços da caridade, perseverem na unidade do Corpo.<sup>185</sup> A verdadeira participação na eucaristia se dá entre aqueles que admitem os ensinamentos de Cristo e, purificados pelo batismo, levam uma vida como Cristo ensinou. A eucaristia traz consequências concretas na vida da comunidade, como vemos nos relatos bíblicos e da Tradição:

Os que possuem muitos bens dão livremente o que lhes agrada. O que se recolhe é colocado à disposição do que preside. Este socorre os órfãos, as viúvas e os que, por doença ou qualquer outro motivo se acham em dificuldade, bem como os prisioneiros e os hóspedes que chegam de viagem; numa palavra, ele assume o encargo de todos os necessitados.<sup>186</sup>

Participantes de um mesmo Corpo, as Filhas do Divino Zelo cantam com a própria vida comum um canto novo ao Senhor. Um canto que manifesta a alegria e expressa o amor mútuo, capaz de superar toda e qualquer desavença, de suportar e sustentar a outra em suas fraquezas e limitações. Quem aprendeu a amar conforme é amado pelo Senhor, aprendeu a cantar as maravilhas de Deus, a viver segundo a nova e eterna aliança que o Senhor estabeleceu com o seu povo, a fazer da própria vida vivida em santidade um hino de louvor ao Senhor. A participação na eucaristia e a intimidade com o Senhor através da adoração eucarística contribuem para a gradativa conformação da religiosa a Cristo:

---

<sup>182</sup> Jo 15,13.

<sup>183</sup> Cf. 1Jo 3,16.

<sup>184</sup> Cf. SANTO AGOSTINHO, Do Tratado sobre o Evangelho de São João: a plenitude do amor, p. 304-305.

<sup>185</sup> Cf. SÃO FULGÊNCIO, Dos “Livros a Monimo”: o sacramento da unidade e da caridade, p. 349-350

<sup>186</sup> SÃO JUSTINO, Da primeira apologia a favor dos cristãos: a celebração da eucaristia, p. 365.

Cada vez que participamos do corpo sagrado de Cristo, unimo-nos a ele corporalmente, como afirma São Paulo ao falar do mistério do amor misericordioso de Deus [...] Ora, se todos nós formamos um só corpo em Cristo, não apenas uns com os outros, mas também com aquele que habita em nós pela sua carne, por que não vivemos plenamente esta união existente entre nós e com Cristo? Com efeito, Cristo é o vínculo da unidade, por ser ao mesmo tempo Deus e homem. Seguindo o mesmo caminho, podemos falar da nossa união espiritual, afirmando que todos nós, ao recebermos o único e mesmo Espírito Santo, nos unimos uns com os outros e com Deus.<sup>187</sup>

A participação no Corpo de Cristo leva cada membro a viver para que todo o corpo tenha vida em abundância. A vida gerada em comunidade traz os frutos da paciência, da unidade pelo vínculo da paz, da comunhão em uma mesma esperança, em uma só fé, em um só Senhor, em um só batismo e um só Deus e Pai de todos.<sup>188</sup> A unidade gerada no Corpo do Senhor faz compreender que: “todos, portanto, somos um só no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Um só, repito, pela identidade de condição, um só pela união da caridade, pela comunhão do corpo sagrado de Cristo e pela participação do único Espírito Santo”.<sup>189</sup> Santa Teresa que viveu intensamente a eucaristia em sua vida pessoal e assim ensinou suas monjas a viverem, ajuda a Filha do Divino Zelo a aprofundar sua consciência eucarística e os frutos que esse empenho pode dar na vida pessoal e comunitária. Santa Teresa descobre que seguir Jesus é aprender a viver com e como Jesus, ao estilo dos discípulos, ou seja, ajudando-o em tudo o que fosse possível.<sup>190</sup>

Ajudar a Cristo nas pequenas coisas do cotidiano, aproveitando todas as oportunidades para amar, é um caminho de santificação que encontramos na santa de Ávila. Em uma de suas cartas dirá que é preciso servir a Deus como Ele quer e não como nós queremos<sup>191</sup>, que precisamos amar aqueles e aquelas que partilham conosco a vida e a vocação e não aguardar momentos específicos para viver a caridade cristã. Servir a Deus como Ele quer é imitar a Cristo em sua Humanidade, em suas opções, em seus valores, em sua entrega incondicional ao Pai. O seguimento de Cristo, a participação em seu Corpo, não é para Teresa uma simples prática, mas uma forma, um estilo de vida, que implica em um modo de ser que, no mínimo, por coerência, precisa ser testemunhado em primeira

<sup>187</sup> SÃO CIRILO DE ALEXANDRIA, Do comentário sobre o evangelho de João: Cristo é o vínculo da unidade, p. 436.

<sup>188</sup> Cf. Ef 2,4-6.

<sup>189</sup> SÃO CIRILO DE ALEXANDRIA, op. cit., p. 437.

<sup>190</sup> Cf. SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 1,2.

<sup>191</sup> Cf. Id., Cartas, 172,12.

instância com aquele próximo mais próximo, que no caso da consagrada é a comunidade religiosa a qual pertence.<sup>192</sup>

Santa Teresa quer reproduzir em sua vida e na vida das que anima, bem como na vida de todos os que ao longo dos séculos buscam em sua espiritualidade iluminação para a união a Cristo, o estilo de vida dos apóstolos. Mesmo vivendo em um contexto conturbado, fará de sua vida e da vida de suas monjas uma oferta agradável ao Senhor, formando comunidades que realmente se tornaram luzeiros para os que caminhavam em meio às trevas, sendo sinal escatológico para os de seu tempo:

E, vendo-me mulher, imperfeita e impossibilitada de trabalhar como gostaria para servir ao Senhor, fui tomada pela ânsia, que ainda está comigo, tendo Deus tantos inimigos e tão poucos amigos, de que estes fossem bons. Decidi-me então a fazer o pouco que posso: seguir os conselhos evangélicos com toda a perfeição e ver que essas poucas irmãs que aqui estão fizessem o mesmo.<sup>193</sup>

“Mulheres eucarísticas” formam uma “comunidade eucarística”, ao mesmo tempo que as comunidades são locais de aprendizagem para a religiosa que almeja a verdadeira conformidade a Cristo. Vejamos como santa Teresa ilumina a vida consagrada na formação de autênticas comunidades cristãs.

#### **8.3.4. Comunidade fraterna: “colégio de Cristo”**

O pouco oferecido por santa Teresa e pelas monjas de seus mosteiros custou sangue, suor e lágrimas, o que não lhes tirava a motivação central de fazer da comunidade um “colégio de Cristo”<sup>194</sup>, um local onde o amor devia prevalecer, onde a vida devia ser eucarística: “[...] nesta casa, onde não são mais de treze, nem o hão de ser, todas as irmãs devem se amar. [...] Amemos as virtudes e a beleza interior, empenhando-nos sempre, com muito cuidado, para não dar importância ao que é exterior”.<sup>195</sup> Forma conventos pequenos, onde preza pela igualdade entre as monjas, fazendo desaparecer os títulos e honras que regiam inclusive o mosteiro da Encarnação onde Teresa começou sua formação para a vida carmelita. Santa Teresa estimula ainda hoje à formação de comunidades

<sup>192</sup> Cf. FERMÍN, F. J. S., *Espiritualidad de la vida consagrada desde Teresa de Jesús*, p. 113-114.

<sup>193</sup> SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 1,2.

<sup>194</sup> Cf. *Ibid.*, 27,6.

<sup>195</sup> *Ibid.*, 4,7.

cristãs, que vivam de Cristo e para Cristo, alimentadas na oração e geradoras de vida pela caridade.<sup>196</sup>

Podemos dizer que, assim como a eucaristia é para santa Teresa um local de intimidade com o Senhor, a comunidade é um local de encontro consigo mesma, com os outros, neste caso as coirmãs, e um lugar de encontro com Deus. Como local de encontro com a outra, lembramos que a comunidade é essencial na vida e no desenvolvimento da pessoa. Como vimos, santa Teresa, ao falar da comunidade para suas irmãs, exorta-as à comunhão e ao amor e as previne sobre os riscos das amizades particulares que colocam outras em exclusão, rompendo com a comunhão gerada em Cristo: “Se, no entanto, a nossa amizade inclinar-se mais para uma do que para outra irmã, tenhamos muito cuidado para não nos deixar dominar por essa afeição”.<sup>197</sup>

Vemos que Madre Teresa impulsiona suas monjas a uma vida de amizade e amor que nasce de Cristo, que acolhe a todas, que cuida e doa-se a cada membro conforme suas necessidades. A amizade em Cristo se quebra na vida comunitária quando nos deixamos conduzir por nossas paixões e apegos, quando somos guiadas por nossas carências e não seguimos Cristo que a todos amou e por todos se entregou, dando sua vida para a remissão dos pecados de seus amigos e inimigos, dos que lhe eram agradáveis e dos que lhe cobriam de ultrajes. A conformação a Ele conduz a religiosa a assumir para si a vida do seu Senhor, a tomar consciência de que o discípulo não é maior que o Mestre, de que os ultrajes que lhe atingem sempre O atingem por primeiro, enfim, que todo o sofrimento causado por um semelhante, mesmo que esse seja seu “próximo mais próximo”, isto é, a coirmã de comunidade, antes atingiu Cristo que é Cabeça do Corpo e que por amor ao algoz aceita os sofrimentos que lhes são imputados.

Santa Teresa preza por um modo de ser e não simplesmente por um modo de estar ou de ter. Dirá que, aquelas que querem adentrar os caminhos da oração e da união com Cristo, devem entre si cultivar três coisas necessárias: “Não penseis, amigas e irmãs minhas, que vos encarregarei de muitas coisas [...] Só me alongarei em falar de três [...] A primeira é amor de umas para com as outras; a segunda, o desapego de todo o criado; a terceira, a verdadeira humildade”.<sup>198</sup>

<sup>196</sup> Cf. RODRIGUES, A. N., Comunidade: lugar de encontro, p. 106.

<sup>197</sup> SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 4,7.

<sup>198</sup> Ibid., 4,4.

Vemos que a Madre se dirige às suas coirmãs com um tom cordial, segundo o modelo e testemunho do Senhor que se dirige aos seus apóstolos como a irmãos e amigos<sup>199</sup> e que diz que o maior amor consiste em dar a vida por seus amigos.<sup>200</sup> Promove o amor mútuo, a convivência, a disposição para o perdão, para a acolhida, para a verdadeira caridade.

Uma comunidade formada por mulheres eucarísticas, é uma comunidade que se doa em amor misericordioso porque experimenta esse amor, que é regida pelo respeito mútuo e fortalecida pelos dons que cada uma coloca a serviço de todas<sup>201</sup>, que testemunha a unidade em Cristo em um mundo que preza pelo individualismo e pela saciedade dos prazeres pessoais. Santa Teresa dirá:

Oh! Que bom e verdadeiro amor será o da irmã que puder beneficiar a todas, deixando o seu proveito pelo das outras, avançando muito em todas as virtudes e guardando com grande perfeição a sua Regra! Uma amizade como essa será melhor que todas as ternuras possíveis [...].<sup>202</sup>

Teresa exorta à prática do amor cristão dentro da comunidade. Esperar as grandes oportunidades para viver a caridade, ou considerar que esta deva ser testemunhada em primeira instância fora da comunidade religiosa, parece uma tentação antiga e atual para a vida consagrada. Nos tempos atuais, Papa Francisco, insiste na necessidade do amor recíproco dentro das casas religiosas e ousa dizer que de nada adianta uma esmerada vida apostólica se esta não estiver enraizada em uma vida comunitária que seja testemunho das primeiras comunidades cristãs e que aponte para a eternidade em Deus:

A comunidade sustém todo o apostolado. Às vezes as comunidades religiosas são imbuídas por tensões, com o risco do individualismo e da dispersão, mas são necessárias comunicação profunda e relações autênticas. A força humanizadora do Evangelho é testemunhada pela fraternidade vivida em comunidade, feita de acolhimento, respeito, ajuda recíproca, compreensão, amabilidade, perdão e alegria.<sup>203</sup>

---

<sup>199</sup> Cf. Jo 15,15.

<sup>200</sup> Cf. Jo 15,13.

<sup>201</sup> Cf. 1Cor 12,4.

<sup>202</sup> SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 7,8.

<sup>203</sup> FRANCISCO, PAPA, Discurso aos participantes no Capítulo Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco, 31 de março de 2014, Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco\\_20140331\\_capitolo-generale-salesiani.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140331_capitolo-generale-salesiani.html), Acesso em: 21/06/2019.

A comunidade é o local onde se vive o Evangelho, num estilo humano e sóbrio, que reconhece o Cristo no partir do pão<sup>204</sup> e onde cada um pode reconhecer suas fragilidades na entrega confiante à misericórdia de Deus. Não estamos falando de uma perfeição de relações, mas de um espaço de transfiguração pessoal e comum, que conduz ao gradativo crescimento na santidade, que sabe acolher limites e que leva no coração a ferida de amor que diz “é impossível não amar”. Papa Francisco adverte:

[...] me dói muito comprovar como em algumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, a desejos de impor as próprias ideias a todo custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas. Quem queremos evangelizar com estes comportamentos? [...] Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado nem por suas próprias forças. Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe.<sup>205</sup>

O contratestemunho à caridade que uma comunidade religiosa dá na Igreja e na sociedade descaracteriza a beleza da vocação e coloca a perder todo e qualquer mérito das demais obras realizadas. Tudo necessita estar fundamentado na caridade experimentada em Cristo Jesus. A caridade que nos move é a caridade do próprio Deus, o Amor que se fez alimento para sustentar a vida de cada Filha do Divino Zelo. Sabemos que a caridade cobre uma multidão de pecados, que tudo suporta, tudo tolera com paciência. Não há nada de sórdido e nem de soberbo na caridade. A caridade não tolera a divisão, não provoca a revolta, não se embrenha na mentira. A caridade tudo faz na concórdia, no perdão, nas mãos estendidas que ajudam a suportar as mazelas dos amigos e inimigos. Na caridade todos os filhos e filhas de Deus são feitos perfeitos e santificados, segundo a imagem do próprio Deus. Sem a caridade, nada é aceito por Deus. Foi na caridade que Deus nos assumiu para si. Pela caridade que tem para conosco, nosso Senhor Jesus Cristo, obediente à vontade divina, por nós entregou o seu sangue; a sua carne, por nossa carne; a sua alma, por nossa alma. Grande e admirável é a caridade e impossível descrever toda a sua perfeição.<sup>206</sup>

<sup>204</sup> Cf. Lc 24,13-35.

<sup>205</sup> FRANCISCO, PAPA, Exortação apostólica, *Evangelii gaudium*, 100.113.

<sup>206</sup> Cf. SÃO CLEMENTE I, Da carta aos Coríntios: quem poderá falar sobre o vínculo da caridade de Deus?, p. 498-499.

Para santa Teresa não apenas a comunidade fraterna está alicerçada no amor, mas também a edificação da alma, pois se não existe boa relação entre as pessoas, não pode haver boa relação com Deus: “[...] importa tanto este amor de umas para com as outras, que eu nunca quereria que dele vos esquecêsseis!”.<sup>207</sup> A autêntica realização da mulher consagrada se dá quando esta consegue dar distância da falsa liberdade que é a autossuficiência ou o egocentrismo, sabendo descentrar-se de si para ir em direção ao outro. O verdadeiro amor deseja e faz crescer o outro e não busca seus defeitos como canal para a acusação ou autopromoção: “Procuremos sempre olhar as virtudes e coisas boas que vimos nos outros e encubramos os seus defeitos com os nossos grandes pecados. Este modo de agir [...] nos dá uma excelente virtude: considerarmos todos melhores que nós [...]”.<sup>208</sup>

A vida comunitária ao mesmo tempo que convida à união de umas com as outras tendo Cristo por Cabeça deste único Corpo, desperta o desejo de que o outro cresça em doação a Deus e aos semelhantes, pois:

A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Não é arrogante. Nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.<sup>209</sup>

Esse caminho é tecido com sacrifício, com doação, com saber deixar o “eu” para chegar ao “nós”, sabendo “deixar o próprio proveito pelo das outras”<sup>210</sup>:

É também uma boa mostra de amor procurar aliviar as irmãs do trabalho, tomando a si os ofícios da casa, o mesmo ocorrendo com o alegrar-se e louvar muito ao Senhor pelo progresso que observar em suas virtudes. Todas essas coisas [...] muito contribuem para a paz e o acordo entre todas [...] porque o contrário seria uma coisa terrível, e muito difícil de suportar; que Deus não permita que sejamos poucas e malcomportadas!<sup>211</sup>

A Filha do Divino Zelo, alicerçada em sua herança espiritual-carismática e iluminada pela espiritualidade teresiana, distingue-se como “mulher eucarística” que constrói comunidades orantes e fraternas conforme o modelo das primeiras comunidades cristãs. Fundamentada no amor, conforme o modelo de Cristo,

<sup>207</sup> SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 1,2,18.

<sup>208</sup> Id., Livro da Vida, 13,10.

<sup>209</sup> 1Cor 13,4-7.

<sup>210</sup> SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 7,8.

<sup>211</sup> Ibid., 7,9.

irradia amor no serviço silencioso e gratuito da vida comunitária. Para santa Teresa é impensável viver em uma comunidade sem amor, pois quando se rompe a comunhão entre os irmãos, rompemos com Cristo.<sup>212</sup> A doutora mística mostra a necessidade de que a renúncia a si aconteça nas pequenas coisas de cada dia e que todo e qualquer mal cometido por uma coirmã seja motivo de oração, de entrega a Deus e ao mesmo tempo de empenhar-se em uma vida melhor para o bem de todas: “Assim, encomendemos veementemente a irmã faltosa a Deus, procurando praticar com grande perfeição a virtude contrária à falta que ela parece ter cometido”.<sup>213</sup> Teresa estimula a Filha do Divino Zelo à vivência de um amor concreto, visível, que faz reconhecer não apenas uma comunidade de religiosas, mas uma comunidade cristã que se distingue pelo amor mútuo:

Assim, irmãs, tanto quanto puderdes, sem ofensa a Deus, procurai ser afáveis e agir de tal maneira com as pessoas com quem tratardes que elas apreciem a vossa conversa, desejem o vosso modo de viver e tratar e não se atemorizem nem se amedrontem de praticar a virtude. Isso é muito importante para as religiosas; quanto mais santas, tanto mais afáveis nas conversas com as irmãs [...] nunca vos esquivéis se quereis ser úteis e amadas. Com efeito, isto é o que devemos procurar com ardor: ser afáveis, agradar e contentar às pessoas com quem lidamos, em especial nossas irmãs.<sup>214</sup>

A comunidade fraterna<sup>215</sup> é como o Corpo Santíssimo do Senhor que, formado por membros distintos, precisa estar unido e precedido por Cristo,

<sup>212</sup> Cf. RODRIGUES, A. N., *Comunidade: lugar de encontro*, p. 114.

<sup>213</sup> SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 7,7.

<sup>214</sup> *Ibid.*, 41,7.

<sup>215</sup> Sugerimos como aprofundamento do tema: Vida religiosa. In: REDES. *Teresa de Jesus: mujer, cristiana, maestra*, 2. ed. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2013. p. 199-218. BURGO, L. D. El proyecto de vida religiosa de Teresa de Jesús. *Revista de Espiritualidad*, v. 40, n. 161, p. 473-497, 1981; FERMÍN, F. J. S. *Espiritualidad de la vida consagrada desde Teresa de Jesús*. In: FERMÍN, F. J. S.; LONDONÓ, R. C.; NAWOJOWSKI, J. (Dir.). *CONGRESO MUNDIAL TERESIANO EN EL V CENTENARIO DE SU NACIMIENTO (1515-2015)*, v. 2. 2015, Ávila. *Actas del congreso mundial teresiano en el V centenario de su nacimiento (1515-2015)*. Teresa de Jesús: patrimonio de la humanidad. Burgos: Monte Carmelo; Ávila: CITEs, 2016. p. 107-121; VARELA, A. M. R. *Santa Teresa de Jesús: Reformadora de la Vida Consagrada, Ayer y hoy*. In: CUENCA, I. P.; USERA, M. I. A. D.; VÁZQUEZ, T. C. (Coords.). *CONGRESO INTERUNIVERSITARIO SANTA TERESA DE JESUS MAESTRA DE VIDA*. 2015, Ávila. *Actas del congreso interuniversitario Santa Teresa de Jesus maestra de vida*. Ávila: Universidade Católica de Ávila, 2015. p. 48-71; GARCÍA PAREDES, J. C. R. *Propuestas de un camino espiritual para la vida consagrada: vocación, etapas y culminación*. *El Libro de la vida de santa Teresa de Jesús releído desde la vida consagrada*. In: *I CONGRESO INTERNACIONAL TERESIANO*. 2010, Ávila. Disponível em: <https://delaruecaalapluma.wordpress.com/estudios/sobre-sus-obras/libro-de-la-vida/>. Acesso em: 22 jan. 2018. p. 1-23; HERRANZ, G. J. *Vivir para dar vida*. *Revista de Espiritualidade*, v. 64, n. 254, p. 9-48, 2005; DE LA CRUZ, O. "Eso poquito que era en mí". *Teresa de Jesús y la crisis de la vida religiosa*. *Revista de Espiritualidade*, v. 64, n. 254, p. 49-95, 2005.

Cabeça da Igreja. O amor recíproco é a maneira genuína de corresponder ao amor que antecedeu a cada uma:

Não fostes vós que me escolhestes, fui Eu que vos escolhi a vós e vos destinei a ir e a dar fruto, e fruto que permaneça; e assim, tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome Ele vo-lo concederá. É isto que vos mando: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei.<sup>216</sup>

A vivência do amor em comunidade abre as portas para que por Cristo, com Cristo e em Cristo, as súplicas pelos bons operários cheguem ao Pai e as ovelhas não pereçam pela falta de pastores e pastoras dispostos a darem a vida junto ao Senhor pela salvação de todos.

---

<sup>216</sup> Jo 15,16-17.